

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



LEA NIAKO, A FORMOSA BAILARINA INDO-CHINA

ESTE NÚMERO TEM 16 PAGINAS

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE



A sr.^a D. Maria Luíza Trigo Rava e o sr. Antonio dos Santos Oliveira Belo, cujo casamento se realizou no dia 16 do corrente na paróquia igreja de Santa Isabel.

FESTAS DE CARIDADE. — No Porto. — Revestiu extraordinário brilhantismo a recita de caridade realizada no teatro São João, do Porto, na noite de sábado, 21, organizada por uma comissão de senhoras da primeira sociedade portuense, à frente da qual figurava o nome da sr.^a Condessa de Lumbrales, e cujo produto se destinava a favor do cofre da bela instituição «Florinhas do Lar».

Abriu o espectáculo por um acto de recitações e números de canto em que tomaram parte a sr.^a D. Maria Virginia Patricio, que se fez ouvir em vários números de canto, e os srs. dr. Pinheiro Torres, dr. José Nosolini e Antonio Pinto Machado disseram lindos versos, sendo todos os distintos amadores muito aplaudidos ao terminarem os seus números.

Seguiu-se depois de um curto intervalo a apresentação da linda peça espanhola de Muñoz Seca, «Sangre Gorda», interpretada magistralmente pela sr.^a D. Maria Ivison Dias e pelo sr. D. Fernando Garcia, que imprimiram à encantadora obra um extraordinário realce.

Fechou o espectáculo a inspirada zarzuela chica «La Verbena de La Paloma», que foi sem contestação o «clou» da noite pela maneira brilhante como foi interpretada pelo notável grupo de amadores.

Vamos em poucas linhas fazer, não uma crítica, mas uma pequena descrição do que foi a esplendida interpretação. Começaremos pelas senhoras:

D. Maria de Lourdes de Menezes Pinto Machado, na «Tia Antonia», foi simplesmente soberba de graça, caracterizando-se perfeitamente, dando-nos a verdadeira ilusão de estarmos em presença de uma actriz desse género, fazendo esquecer a sua mocidade e formosura.

D. Beatriz Frias, na «Señora Rita», a «Taberneira», cantou magistralmente toda a inspirada parte, não descuidando o mais pequeno detalhe.

D. Maria Ivison Dias, D. Mariana de Menezes, D. Eugénia Pinto Machado e D. Zulmira Alves foram de uma graça e correcção inextinguíveis, concorrendo assim para a óptima interpretação que teve a «Verbena».

Dos homens ocupa o primeiro lugar José de Carvalho Rebelo de Menezes, que se encarregou do difícil papel de «D. Hilarion», o «boticário», imprimindo-lhe toda a verve que a rúbrica requeria, conservando sempre a plateia em constante hilariedade.

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{ME} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impositação da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.^o D.
(Parque Eduardo VII)
e na redacção da «VOGA»

Segue-se depois o nosso colega na imprensa portuense, António Pinto Machado, no D. Sebastião, no qual foi simplesmente impecável; Raul César, no «Julian», cantou magistralmente toda a sua parte e representou com muita correcção, não descuidando o mais pequeno detalhe.

Em pequenos papeis também são dignos de destaque Luís Rebelo Valente, no «Taberneiro», Diogo San-Romão e D. Casto Martinez, nos «Guardas civis» e António Bernardo Ferreira, no «sereno», concorreram para o optimo conjunto.

Os coros, formados por graciosas senhoras e rapazes, apresentaram-se afinadíssimos.

Antes de terminada esta pequena resenha não quero deixar de felicitar as organizadoras de tão linda festa, como também o sr. Carriedo, que dirigiu os ensaios, a quem se deve em grande parte o êxito alcançado. — D. NUNO.

CASAMENTOS. — Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria Carlota Trigo de Lemos Seixas Castelo-Branco, gentil filha da sr.^a D. Maria do Carmo de Melo Falcão Trigo de Lemos e do sr. Inácio de Lemos Seixas de Castelo-Branco, com o sr. Alexandre Maria António Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), filho dos srs. Viscondes de Zambujal.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o corrente ano.

Com grande brilhantismo realizou-se na capela do Mosteiro de S. Simão da Junqueira, perto de Vila do Conde, sendo celebrante Sua Excelência Reverendíssima o sr. Arcebispo Primaz D. Manuel Vieira de Matos, que no fim do

Realizou-se o casamento da sr.^a D. Odília da Silva Fernandes, gentil filha da sr.^a D. Julia da Silva Fernandes e do sr. João Luís Fernandes, com o sr. Adelino Xavier Castelo, filho da sr.^a D. Maria Xavier Castelo e do sr. Frederico Xavier Castelo, já falecido.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Maria Irene Fernandes Bentes, irmã da noiva, e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. João Inácio Formosinho Bentes, cunhado da noiva, e Elisiário Brito Júnior.

Findo o acto foi servido, na residência dos pais da noiva, um finíssimo lunch, seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Com muita intimidade realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Augusta Alegria, interessante filha da sr.^a D. Luísa do Rosário Alegria e do distinto actor sr. Silvestre Alegria, e irmã dos nossos colegas na imprensa srs. Fernando Alegria e Albano Negrão, com o sr. Abílio Ascensão, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Isaura Lemos e de padrinhos os srs. Fernando Alegria, irmão da noiva, e José de Lemos.

Terminada a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva um fino lunch, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Na igreja paroquial de Santa Isabel realizou-se, com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Nazaré de Oliveira, interessante filha da sr.^a D. Caro-

Serviram de madrinhas a mãe e a tia da noiva sr.^a Baroneza de Almeida Santos e de padrinhos o pai e o avô materno do noivo sr. José António dos Santos.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Findo o acto religioso, durante o qual foram executados no órgão pelos padres dos Inglezinhos vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo «luncheon» da Garrett seguindo os noivos depois para a magnífica quinta de Albalonga, em Sintra, propriedade do pai do noivo, onde foram passar a lua de mel, partindo de aí para a Madeira.

Na «corbeille» que se encontrava exposta em uma das salas da elegante residência via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

Na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Lucília Amélia Quaresma Gomes, interessante filha da sr.^a D. Antónia Quaresma Gomes, e do sr. Celestino Gomes, com o sr. Manuel de Albuquerque do Amaral Cardoso Correia de Lacerda, filho da sr.^a D. Alda Correia de Lacerda de Azevedo Gomes do Amaral Cardoso e do sr. Fernando de Albuquerque do Amaral Cardoso.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos fazendo-se representar a do noivo pela sua sobrinha a sr.^a D. Judith Pereira Caldas Corrêa de Lacerda e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Francisco de Abreu Castelo Branco Corrêa de Lacerda, primo do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo «luncheon» da Garrett partindo os noivos depois para o norte onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

Realizou-se na paroquial igreja do Sagrado Coração de Jesus, com muita intimidade, devido ao recente luto da família do noivo, o casamento da sr.^a D. Maria do Céu Martin Sanches de Miranda, gentil filha da sr.^a D. Angela Martin Sanches de Miranda, e do sr. José Gaspar Miranda já falecido com o sr. Alvaro António Ferreira Colaço, filho da sr.^a D. Adelaide Virginia Ferreira Colaço, já falecida e do distinto engenheiro maquinista naval sr. António Mateus Colaço.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Azevedo Neves, e D. Maria da Nazareth Ferreira Colaço Macieira, irmã do noivo e de padrinhos o sr. dr. Azevedo Neves e o pai do noivo.

Findo o acto religioso foi servido um fino lunch, partindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes de Ataíde Ferreira Garcia, interessante filha da sr.^a D. Albertina Moreira da Câmara Ataíde Ferreira de Almeida e enteada do sr. Carlos Eugénio Moitinho de Almeida, com o distinto engenheiro sr. Valentim Bravo, filho da sr.^a D. Maria Antónia Sanches Bravo e do sr. D. Manuel Bravo, já falecido, tendo o pedido sido feito pelo sr. José Augusto Pacheco.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.



A sr.^a D. Madeleine Bonnet e o sr. Dr. Tomás Ribeiro Colaço à saída da igreja da Imaculada Conceição da Comunidade Franciscana, em Tânger, por ocasião do seu casamento

lina Nazaré de Oliveira e do sr. Manuel Pereira de Oliveira, com o sr. Luís de Sequeira do Rio Carvalho, filho da distinta escritora sr.^a D. Maria Guilhermina de Sequeira do Rio Carvalho (Miriam) e do falecido oficial da armada sr. Pedro Frago do Rio Carvalho, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos, e de padrinhos, o pai da noiva e o tio materno do noivo, sr. dr. Luís Guilherme Borges de Sequeira.

Findo o acto religioso, que foi celebrado pelo reverendo prior cônego Álvaro dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, e durante a qual a sr.^a D. Adelaide de Lima Cruz se fez ouvir em vários trechos de música sacra, acompanhados a órgão pela sr.^a D. Carmina Cardoso, foi servido, na residência dos pais da noiva, um finíssimo lunch.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.^a D. Pura de Vila Lobos Águas, gentil filha da sr.^a D. Isabel de Vila Lobos Águas e do sr. José Baptista Águas, com o sr. dr. Guido Cabral, filho da sr.^a D. Maria dos Santos Salgueiro Cabral, já falecida, e do sr. António Cabral, devendo o acto realizar-se ainda este ano.

Com grande brilhantismo realizou-se na paroquial igreja de Santa Isabel, sendo celebrante o reverendo da Ordem dos Inlezninhos Francis Broome, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Maria Luísa Trigo Rava, gentil filha da sr.^a D. Maria José Trigo Rava, e do ilustre clínico sr. dr. Artur Rava, com o sr. António dos Santos Oliveira Belo, filho da sr.^a D. Josefa dos Santos Belo, e do sr. António Maria de Oliveira Belo e sobrinho do sr. Carlos de Oliveira Belo, director do Instituto Pasteur.



A sr.^a D. Lucília Quaresma Gomes e o sr. Manuel de Albuquerque do Amaral Cardoso Correia de Lacerda à saída da igreja de S. Sebastião da Pedreira, por ocasião do seu casamento

BELEZA

PARA AS PESTANAS

As pestanas, que são tão úteis quanto formosas, protegem os olhos contra o vento, e contra o pó e aformoseiam o rosto.

Infelizmente as pestanas caem sem razão aparente, não obstante saber-se que tal sucede devidos às afecções dos indivíduos, ao nervosismo, à anemia, etc.

Há ocasiões que é preciso tonificá-las, lavando-as com água simples e umas gotas de água de Colônia ou esfregando-as com óleo de ricino.

Se se deseja ter pestanas fartas, convém cortar-lhes cuidadosamente as extremidades de três em três semanas, pois que é esse o meio de as avigorar.

Se, apesar de não haver irritação ou inflamação das pálpebras, as pestanas começam a deixar cair cílios, então deve-se-lhes aplicar a seguinte preparação, com um pequeno pincel:

Ácido gálico, 1 grama — Vazolina, 10 grammas — Óleo de ricino, 4 grammas — Essência de alfazema, 6 gotas.

Isto evitará a sua queda e torná-las-lá mais compridas e vigorosas, dando ao olhar um encanto e suavidade cheia de languidez e beleza.

O CINEMA E A MEDICINA

O cinema exerce sobre as pessoas que se dedicam às profissões liberais a mesma atracção que, noutros tempos, exercia o teatro.

Na Tcheco-Slováquia, Eva Byron, uma jovem doutora muito conhecida pelos seus trabalhos



científicos, abandonou, recentemente, o laboratório, trocando-o pelo écran.

Anuncia-se já o seu primeiro papel importante num film intitulado *A Sonata a Kreutzer*, extraída duma novela do célebre escritor slavo Leão Tolstoi.

Esta passagem de Eva Byron do laboratório ao «studio» causou grande sensação naquele país. É um jornalista amável, encontrou para a justificar, a seguinte desculpa: «Eva Byron é muito bonita...»

É o que se chama um raciocínio tcheco-slovaco...



ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas pode ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras noções.

CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDÊNCIA

AS GRANDES DECLAMADORAS

CRÓNICA DA SEMANA

TAMBÉM eu fui ouvir a X. Z., pois então!...

Primeiro que tudo, para arrelhar o meu dono e senhor, o qual teimava — o hipócrita! — em que a sua «querida mulherzinha» ficasse em casa porque, o «ar da noite pode-te fazer mal, meu lindo amor! as noites estão tão frias!...» Em segundo lugar, para, no dia seguinte, ter o inefável, o indeclinável, o insubstituível prazer de cortar na casaca de certas amigas minhas... Minhas, é como quem diz: de meu marido!...

Ora, pois, terça-feira passada, à noite, como o meu senhor e dono estivesse muito caladinho, se calhar meditando na melhor forma de m'a pregar, vai eu disse-lhe abruptamente, enquanto ele, lutando como um herói com uma perna de galinha sexagenária, deixava entretanto o espírito voar pelas regiões do Ideal:

— Hoje vamos ouvir a X. Z., pois vamos, meu amor?

Saiu das suas meditações, profundamente filosóficas, e engasgou-se. Mas depois:

— Impossível, minha jóia! a essa hora tenho partida de xadrez, no Grémio!... É mesmo certo que não estarei livre antes das duas da madrugada. Compreendes, filha: um torneio, coisa de importância!...

Descaradão! Este meu rico maridinho nem sequer se dá ao trabalho de mudar o disco!... Mas eu, também, já me decidi a ser alguém! E tomando — Deus sabe com quanto custo! — a resolução heroica da Nora da *Casa de Boneca*, resolvi emancipar-me:

— Bem: se tu não vais, vou eu. Tenho convite dumas amigas: as Teles de Menezes. Compraram já uma frisa!...

— Acho que fazes mal em ir. Além de as noites estarem frias, (que medo ele tinha, coitado!), a tal X. Z. não vale um pataco falso. Por mim, parece-me que fazias melhor em ficar em casa: a tua saúde assim o exigia... Depois a tal declamadora não passa duma literatilha, uma *bas-bleu*: tu bem sabes como eu embirro com as literatas!...

Pois sim, rala-te!... Quatro sei eu que já passaram pela tua vida de casado! Ficar em casa? É o fiasco! E tomando o tom ingénuo e candido que só nós, as esposas infelizes, sabemos fingir:

— Impossível, minha jóia! a esta hora já estou comprometida... Nem mesmo é provável que esteja cá antes da uma ou duas da madrugada... Compreendes, meu amor: a audição da Z., é coisa de importância! Depois, o chá em casa das Teles de Menezes!... Se calhar, quando voltares da tua partida de xadrez — que tanto te sacrificas, meu santo! — ainda eu cá não estou... Espera por mim com paciência, queridinho: é com paciência que se ganha o céu!...

Fui, pois, ouvir a X. Z.... E, desde já, em obediência a um velho sestro que me ordena ser

✻ ✻

A PROPÓSITO DOS LIVROS

O miraculoso e assás discutido caso das aparições de Nossa Senhora em Fátima, entre Leiria e Ourem, forneceu a um nosso colega na imprensa, Leopoldo Nunes, matéria para um livrinho que as almas cándidas e piedosas por certo hão-de ler com o maior agrado. As nossas leitoras — referimo-nos, é claro, a quantas não tiveram a desgraça inarrável de perder a crença! — farão mesmo muitíssimo bem lendo a *Fátima*, de Leopoldo Nunes, o livrinho no qual se historicam as aparições da Virgem a três pastorinhos, as perseguições e vexames a que o culto da Senhora do Rosário foi inexplicavelmente votado, os casos extraordinários sobre os quais a Igreja ainda se não pronunciou mas que o povo já classificou de miraculosos, e se descreve com um certo colorido as formidáveis peregrinações carregadas para Fátima de todos os pontos do país, de todos os lugares aonde a fé religiosa busca alívio para a infinita miséria humana. O êxito de livraria da aludida brochura, patenteando os dotes jornalísticos de Leopoldo Nunes é também a prova mais que provada da sua oportunidade e de como, entre o povo português, a necessidade de crer e ter esperança é vital e imprescindível!

Fátima é um livrinho que só poderá fazer bem a quem o lê!

✻ ✻

Não há terra nenhuma de Portugal, cantinho nenhum existe em o nosso país aonde, todos os anos, não surja uma boa meia dúzia de poetas.

✻ ✻

Entre nós, fazer versos é tão trivial como fazer política ou tocar guitarra... Em Lisboa então, o caso às vezes assume proporções de epidemia lírica, devido à abundância de jornais e revistas que, às vezes, se vêem doidos com tamanha cópia de filhos de Apolo!...

Sucedê, porém, que nem sempre por entre a deusa vozearia dos rimadores, uma ou outra voz se ergue para nos deixar depois a bem com os versos e com a sorte de quem tem que os lêr ou ouvir... Não é bem esse o caso deste *No limiar do poente*, versos do sr. Afonso Simões, e os quais, embora por forma alguma acrescentem coisa alguma à glória da literatura portuguesa, em todo o caso mostram no seu autor aqui e ali uma certa facilidade, um conjunto de qualidades para desenvolver e apurar. Piamente acreditamos que o sr. Afonso Simões já mais deveria publicar o seu livro, visto ele não ser mais do que um simples esboço e, desde que não há necessidade de escrever para ganhar dinheiro, para que demónio mostrar a gente o que nos vai cá por dentro, se por desgraça a *Arte* e a *perícia* nos não forneceram ainda uma bela obra? Publicar para quê, se não temos a certeza de fornecer coisas definitivas e se estas às vezes se louvam na sua própria simplicidade?

Os versos do sr. Afonso Simões não nos fizeram abrir a boca, é certo. Mas, se fôssem nossos, liamo-los à família, a um ou outro amigo — e não os publicávamos...

F. M.

MALAS E Bastos Silva, Lt.^a Rua S. Nicolau, 81
CARTEIRAS Paris - Chiado Rua Garrett, 64
ALTA NOVIDADE

UTILIDADES

ESSENCIAS DE FLORES

COLHEM-SE as flores de manhã, quando estão enxutas do orvalho, limpam-se, expõem-se ao sol, quando se trata de flores de cheiro muito activo, metem-se às camadas dentro de uma caixa de folha de Flandres com algodão em rama humedecido em óleo de amêndoas doces, puro e sem cheiro; cada camada de flores deve ser seguida de uma camada de algodão; comprime-se o conteúdo da caixa por meio de uma pedra lisa ou uma placa de chumbo pesada que obrigue as flores a comunicar ao óleo as suas partes aromáticas.

Fecha-se a caixa hermeticamente e coloca-se sobre o fogo ou local quente durante 7 ou 8 dias, ao fim dos quais se espreme o algodão que deve conter o óleo aromatizado pelo contacto com as flores.

O óleo assim preparado pode ter aplicação em pomadas e obtêm-se essências de notável suavidade, tendo em contacto 60 a 90 grammas deste óleo com espírito de vinho (alcoól puro) durante alguns dias. Depois separa-se o óleo e filtra-se o alcoól.

✻ ✻

DR. AMADO HERRERO

É um dos mais belos e cultos espíritos da moderna geração do visinho reino. As publicações Bertrand elegendo-o seu representante e correspondente em Madrid confiaram-lhe uma missão de que ele se saberá desempenhar como ninguém. Será o nosso querido e ilustre repre-



ROSA TIRANA.

P. S. — O rapioqueiro do meu marido voltou da sua partida de xadrez às oito da manhã. Foi o que se chama grossa partida.

R. T.

✻ ✻

sentante na grande capital espanhola o encarregado de estreitar as relações de amizade e de intercâmbio intelectual luso-castelhano, e, por certo, a sua grande inteligência e as largas relações de que dispõe em todos os meios madrilenos, conduzirão a sua empresa a um pleno êxito.



ALUA: ONDE VAIS TU SATURNO?
SATURNO: VOU EMPENHAR O MEU ANEL PARA COMPRAR O MAGAZINE BERTRAND

As Mobílias Alemtejanas são as mobílias da moda — GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120

Telefone T. 801

Ayuntamiento de Madrid



São os mantons, os esplêndidos e lindos mantons, a predileção de hoje das elegantes. Como «saída de baile» e de teatro eles esplendem sobre ricos vestidos de seda. Nestes dias frios e opacos são aproveitados e usados com interesse e mesmo com selecto requinte de elegância.

Estua nos mantons a alma de Espanha, das graciosas e lindas espanholas, cheias de vida e alegria, que trazem nos olhos negros toda a alacre vivacidade do quente sol de Andaluzia.

Olhando um manton sonho Sevilha.

Nas suas cores, no brilho das suas sedas, rejeito laranjais dourados, pátios mouros cheios de azulejos, a Giralda e a Torre del Oro; lembro Velasquez e Murillo, o grande pintor sevillano.

Nas suas flores há roseirais abertos, e cada manton é uma janela de grades pretas, toda revestida de cravos vermelhos. Os mantons trazem no seu encanto qualquer coisa de Sevilha e Sevilha é a terra que mais adora os mantons. As sevillanas, na sua alegria incandescente, no meneio airoso dos seus bustos esbeltos, usam estes mantons com um donaire especial em dias de tourada e nas verbenas do estio.

Os mantons, todos bordados em cores polícoras e garridas sobre fundos claros ou pretos, são uma riqueza que nos entontece. Flores enormes, gigantescas, todas matizadas e lindas, enxameiam na seda brilhante e ductil, cujo brilho e arte são uma oração de graças ao nosso século, que vibra intensamente na sua cor pagã, intensa de luz e alegria.



AS MODAS EM VOGA

OS «MANTONS DE
MANILLA» COMO
ADorno DE
ELEGANCIA

O NOSSO MODE-
LO E A APLICA-
ÇÃO DOS DOIS
TONS DE SEDA :

As franjas longas e sedosas que rodeiam estes mantons são fios esguios que reluzem e prendem, arrastando após si quantas saudades e tristezas!

Um manton é hoje o sonho e o desejo de quem os não possui, fazendo eles o encanto e a alegria máxima de quem os deseja.

Os mantons são a alma de Sevilha «salerosa» e ardente, a conquistar Paris, a cidade da aristocracia, do luxo e da elegância. Eles querem vencer, com a sua gracilidade e leveza, os pesados manteaux em brocados e peles e as pelicas luxuosíssimas que valem fortunas fabulosas.

alegria vibrante e inquieta das castanholas e tonadilhas, das malagueñas e sevillanas.

O crepe setim é um dos tecidos ao qual a moda mais variada e complicada utilização tem dado.

Aproveitando a parte baça que imita o crepe e a parte brilhante, fazem-se combinações muito interessantes, e que tão em moda estão.

Duas cores diferentes em qualquer tecido só



outra do avesso. A parte inferior da saia forma um folho em godets que no lado esquerdo sobe até à cintura.

No folho de baixo pequenos bicos opostos completam a graça do vestido, cujo encanto despertará o justo interesse por este modelo.

MADemoiselle X.

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

“VOGA”

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	
Brasil	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro	40\$00	78\$00	
Exemplares registados.....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.



Pois na luta travada, são os mantons leves e flexíveis que vão ganhando terreno e vencendo as sedosas e caras peles.

É um luxo de requinte e modernismo, de elegância e bom gosto nas saídas de bailes e teatros as senhoras envolverem-se com arte e elegância nestes chales de seda bordados a matiz que, fingida e mentirosamente, as preserva do frio, mas que verdadeira e conscientemente as embeleza e caracteriza a sua graça e formosura.

Três modelos distintos e absorventes de atenção publicamos hoje para mostrar às nossas leitoras, as que são entusiastas seguidoras da caprichosa e fútil moda, quanto eles em Paris prendem e deteem a atenção e vencem a alma terna e inconstante de todas as mulheres.

Os nossos três modelos são três maravilhas que o país vizinho fez viajar até à cidade da luz com a sua graça e fama mundial, levando a

com os tons muito bem combinados é que poderão produzir um conjunto fino e elegante.

O crepe setim dá-nos duas tonalidades da mesma cor, que se harmonizam lindamente, com um bom gosto e encanto inéditos.

No nosso modelo, as faculdades que o crepe setim nos dá de se variar e enfeitar um vestido com a mesma fazenda, são preciosamente aproveitadas.

O nosso modelo, tão gracioso e lindo, com a saia toda em godets, é feito em crepe setim, aproveitando o avesso e o direito numa combinação linda.

O seu aspecto luxuoso e elegante não tem um único enfeite nem guarnição a protegê-lo. Todo o vestido é feito num tom único, com uma sobriedade cheia de ineditismo e encanto. A parte da frente do corpo do vestido, é toda feita em tiras alternadamente colocadas, uma do direito



¶ ¶

Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS,

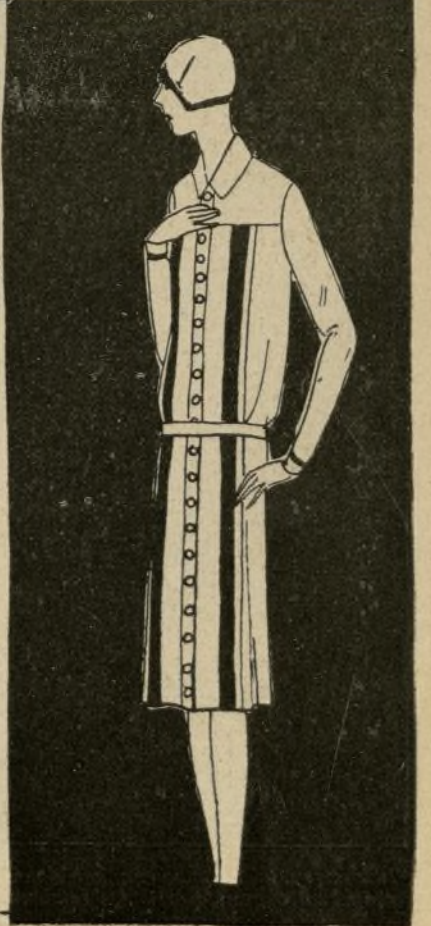
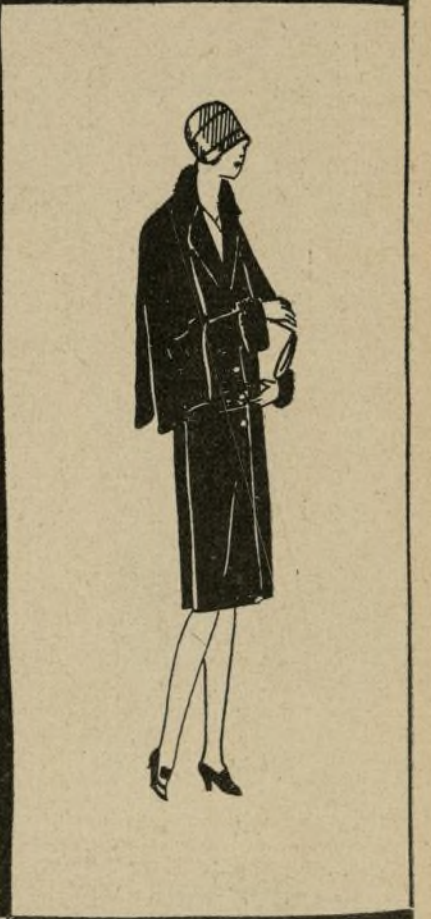
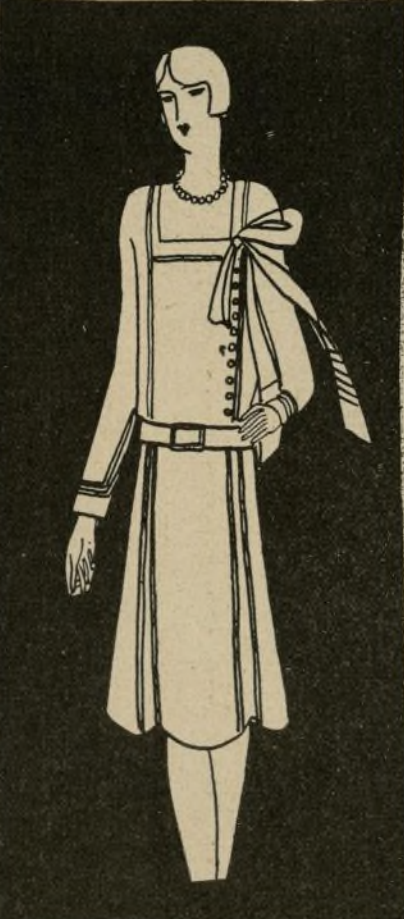
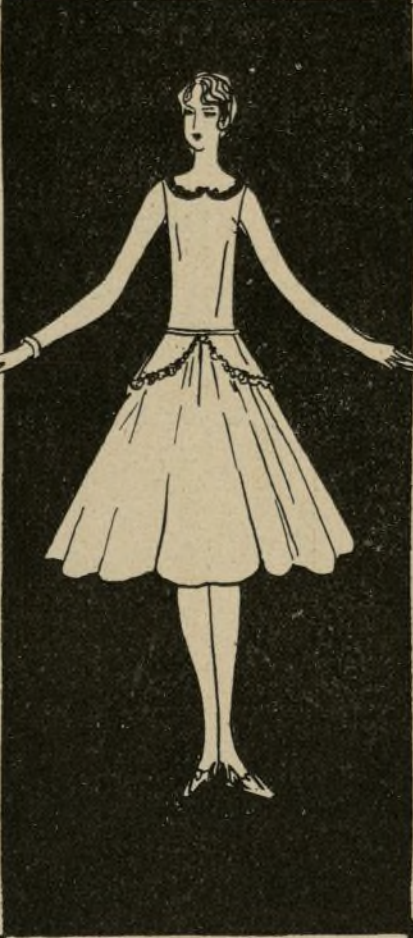
abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.

É o HOTEL DE DELFT — 3o, Rue Montaigne —

Hotel para familias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.



(Vide descrição na página 13)

A LUA DE MEL

PRESENTEMENTE, e por mais estranho que isso pareça, tudo quanto sei dos primeiros anos da vida de Charlie Chaplin, é apenas aquilo que li ou ouvi contar a tal respeito.

Passamos uma semana da lua de mel em Catalina, não tendo tido tempo para mais visto ambos necessitarmos de trabalhar em filmes. A nossa lua de mel foi, contudo, um tempo cheio de felicidade, e ambos nos sentíamos ditosos com a nossa união; da minha parte não havia a mais pequena dúvida acerca do amor que Charlie Chaplin me dedicava. Meu marido cada vez se tornava mais grave mas no seu ar cheio de gravidade não havia indicação alguma acerca da melancolia do seu espírito. Mesmo quando as suas maneiras começavam a mudar, não me alarmei. A minha experiência era nula e eu tomei tal mudança apenas como um novo aspecto da índole de Charlie, sem pensar que isso pudesse vir a cobrir de nuvens a nossa existência. Sabia que ele era um grande artista, e conhecia bastante a intensidade do seu espírito artístico. Pensei que a sua obra era para ele o mundo inteiro e nada mais...

SILENCIO

Em certas ocasiões, mesmo durante a lua de mel, Charlie deixava-se cair numa cadeira e para ali ficava abstracto, sem dar conta de nada... Via-se que o seu espírito trabalhava activamente, procurando resolver quaisquer problemas dos filmes em que tinha de representar.

Quando voltámos da viagem de núpcias e Charlie começou a trabalhar, os seus períodos de melancolia abstracção tornaram-se mais frequentes. Duma vez, depois dum longo dia de trabalho no studio, ao voltar para casa rodeou-se do mais espesso silencio, olhando fixamente o fogo da lareira e ficando por vezes inteiramente alheado, absorto. Procurei estabelecer conversa e perguntei:

— Charlie, tiveste hoje muito trabalho no studio?

Não obtive resposta. Procurei de novo conversar, perguntando-lhe qual era a nova «estrela» do cinema, ou qual o argumento da sua última fita, enfim, qualquer coisa que lhe mostrasse o meu interesse por ele e por tudo quanto lhe dissesse respeito.

Inútil: era o mesmo que estar a falar a uma parede. A bem dizer, Charlie nem sequer dava pela minha presença ali ao pé dele... Em consciência só assim me posso expressar, pois que Charlie nem por sombras era grosseiro. Simplesmente, naquela ocasião, nada existia para ele senão aquilo em que estava pensando. E a verdade é que, a meu ver, um artista como Chaplin não podia ser como toda a gente, um homem vulgar, um destes seres triviais que a vida nos apresenta. Por isso não me resenti com o seu silencio, com a sua atitude, a não ser quando vi que as suas maneiras haviam mudado inteiramente.

Algumas vezes, depois de ter procurado estabelecer conversa sem ter obtido como resposta uma só palavra, dava-lhe um beijo e, depois de lhe ter desejado as boas-noites, ia-me deitar. Charlie retribuía o meu beijo, distraidamente, e voltava a cair na sua profunda meditação. E para ali ficava, horas esquecidas, meditando ou lendo, até romper o dia. Parecia ter esquecido inteiramente a minha existência.

Noutras ocasiões, ao voltar para casa, proferia



Lita Grey, a segunda mulher de Charlie, e da qual o grande artista... também se divorciou



Charlie e a sua cara-metade.

(Continuação)

um ou outro monossílabo e, tomando o violino, punha-se a tocar, improvisando, durante horas seguidas a mais triste e melancólica das músicas, ensimesmando-se em absoluto. Quando, porém, sucedia não ter trabalho, as suas palavras não eram mais abundantes: «Vou sair, quero ir só». E nada mais.

Charlie tem uma infinita comisseração para com todos os que sofrem. Não pode, por forma alguma, ver ninguém a contos com a dor física, mas, muita vez, parece esquecer totalmente que a angustia mental pode ser muitíssimo mais terrível do que qualquer dor corporal. Não é que, deliberadamente, queira fazer alguém so-



Charlie Chaplin entre a petizada de Honolulu

Saía, e dava então longos, demorados passeios pelas colinas vizinhas sempre só.

O ESPIRITO DE CHARLIE

Jámais alguém o acompanhava nos seus frequentes e demorados passeios. A mim nunca m'o pediu e eu tampouco lho sugeri. Lembrou-me de que, uma vez, veio para casa muito aborrecido, de volta do seu passeio. E disse-me então que, certo indivíduo de quem fôra em tempos muito amigo, o encontrara e insistira em passear com ele.

— Pois ele não podia perceber logo que eu preciso mas é de estar só?

A sua maneira de proceder de vez em quando mudava, para depois voltar à mesma. Às vezes surgia o Charlie do tempo em que nos namorávamos, cheio de ternura, de paixão, de amor. Parecia então ter esquecido o trabalho, dir-se-ia ter olvidado tudo menos eu.

Em certa ocasião, recorde-me de eu ter vindo para casa com horribes dores de cabeça. Charlie foi amorabilíssimo para comigo e não houve maneira de o convencer a não humedecer o seu lenço para me apertar as fontes com ele.



CONSELHOS PRÁTICOS

PARA CONCERTAR PORCELANA

Uma das melhores massas para colar loiças ou porcelanas faz-se com os seguintes ingredientes:

Ácido acético cristalizado, 35 gramas; cola de peixe, 30 gramas.

Vai a mistura ao fogo até que atinja o ponto de xarope para que, ao esfriar, a cola permaneça num estado gelatinoso.

Antes de se empregar põe-se novamente ao fogo, até que fique líquida; untam-se depois com ela os bordos que se querem pegar e comprimem-se com cuidado, ligando-os por algum tempo.

O MELHOR MÉTODO DE LAVAR ROUPA

Uma maneira boa de lavar as roupas brancas sem demasiado as esfregar — o que oferece um grande inconveniente para os opales e nansuques ou panos muito finos — é o que passamos a descrever:

frer: a verdade, porém, é que não pensa que esse sofrimento se possa dar.

Ocasões há em que o desassossego do seu espírito o arrasta para entre as multidões.

SOLIDÃO

— Preciso de estar no meio de muita gente, disse ele uma certa ocasião. Gosto de observar, de ver o que faz cada um, de adivinhar em que está pensando. Preciso imenso de conhecer muita gente.

E, à maneira que a nossa vida de casados ia desaparecendo, mais e mais se iam radicando as suas estranhas maneiras de proceder. Por vezes não o via noites e noites seguidas.

Por mim sabia perfeitamente não ser isso devido a qualquer ligação ocasional: Charlie não é para isso. Simplesmente Charlie é incapaz de resistir à sua tendência para a solidão, para estudar o povo, para meditar.

— Charlie — disse-lhe eu em certa ocasião — quanto tu saís fico tão sózinha! Não poderias ficar comigo em casa esta noite?

Olhou-me fixamente e respondeu:

— Preciso de estar só, de meditar.

E saí, sem dizer mais palavra. Senti que Charlie estava separado de mim por uma invisível muralha que me era impossível transpor. Era a muralha do seu próprio temperamento que tão solitário o tinha feito durante toda a sua vida.

Talvez que os leitores digam tudo quanto se poderia dizer, se afirmarem que Charlie é um génio. É um facto: julgar Charlie como uma criatura vulgar é uma injustiça. Estou convencida de que ele é tão incapaz de se fazer a si próprio feliz, como a mim ou à sua segunda mulher.

Nem por sombras acredito que ele próprio se compreenda. Charlie é uma vítima do seu próprio temperamento.

E, quanto a mim, eu não era diferente das outras noivas quando fui viver com Charlie na sua casa de Beverley Hills.

O meu sonho mais ardente era que tivéssemos a nossa casinha; era que lá passássemos os dias entretendo-nos com as pessoas da sua e minha amizade.

TEMPERAMENTO

Mas, bem depressa percebi que Charlie não se interessava tanto pelo lar como eu. Quero dizer: não se importava com estas pequenas coisas que adornam o lar, incluindo as flores.

Por vezes quando eu lembrava a compra disto ou daquilo, Charlie ria de boa vontade e pica-me de ironias. Havia outras ocasiões em que não dava atenção a coisa nenhuma: de novo apareciam as suas maneiras estranhas e a sua mente perdia-se na meditação.

Penso que toda a rapariga, quando sonha ter um lar, ambiciona os prazeres domésticos, mesmo os que não passam de ninharias, e deseja partilhá-los com o seu marido. E eu tive-os algumas vezes: era quando o procedimento de Charlie mudava uns instantes para logo, escassamente, se lembrava da criatura que, por momentos, tão amada fôra e considerada.

Primeiramente senti-me indignada e ofendida quando uma vez disse para comigo própria tratar-se dum temperamento estranho muito de esperar num artista como Charlie. Mais tarde vi ser isso naturalíssimo: a vida quotidiana não poderia levar ambos a ser tão ternos e amoráveis como nos dias em que nos namorávamos.

Em certas ocasiões em despertava de noite e percebia que Charlie saía de casa impellido pela inquietação do seu espírito: ia vaguear pela escuridão, meditando, observando. E que vontade me dava então de me pôr também a pé, e de lhe gritar porque é que ele saía sem mim e me deixava para ali, sózinha, horas e horas à espera que ele voltasse!

Mas a verdade é que, ao voltar, reaparecia o antigo Charlie, aquele que parecia não pensar em mais nada senão em mim.

Duma vez, — lembro-me bem, — como eu tivesse os olhos mortificados de muito haverem suportado os clarões artificiais do studio, Charlie esteve a pé toda a noite, banhando-me os olhos e confortando-me. Mais uma vez lhe tocava o coração o sofrimento físico.

Era muito cuidadoso com tudo quanto dissesse respeito ao nosso lar. Não que ele insistisse em saber os pormenores do governo da casa, as contas e coisas semelhantes, não. Mas sabia muito bem o que era justo dispendir e, se as coisas iam além do usual, queria saber porquê.

(Continúa)



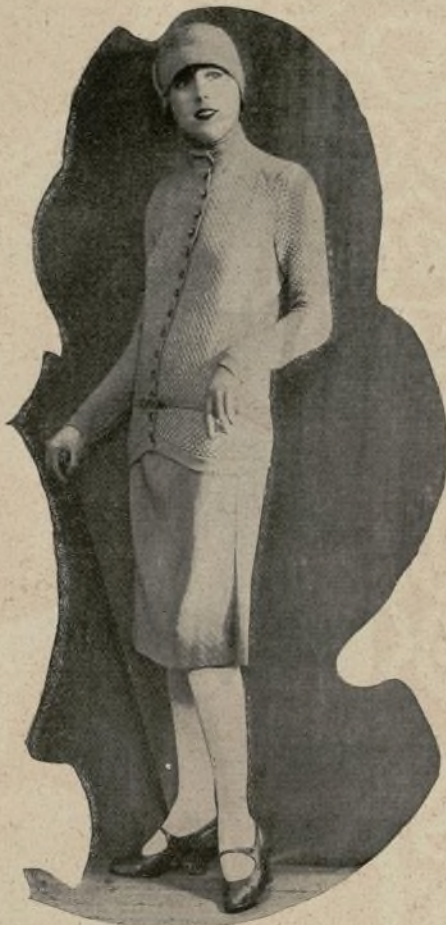
Charlie Chaplin em 1924

CARTA DE PARIS

Minha querida:

RETIRADOS para o campo, nós viemos passar as festas em plena Natureza. Fugindo do borborinho da grande cidade, dos jantares e divertimentos do «Réveillon» moderamó-nos e reúnimo-nos muito calmos e socegradamente.

Que encanto há a juntar mais a este belo dia



que cada um festeja à sua maneira? Uns atordando-se na música e nas danças, outros fazendo suculentas refeições, outros ainda, pensando que Jesus nasceu, dirigem-lhe as suas preces e súplicas. Os corações ternos pensam nos desgraçados, e bastantes casas de pobres foram, por um belo gesto, animadas e embelezadas.

As crianças não foram esquecidas. Quantas árvores de Natal por sua intenção, quantas reuniões, quantas ofertas e distribuições de vestidos fortes e quentes! Mas, também... que alegria em ver todas aquelas facinhas risonhas, seus olhos brilhantes e as suas pequeninas mãos



estendidas para as gulodices de que elas são privadas todo o ano!

Em toda a parte do mundo, Natal significa: alegria, felicidade, animação e alívio para as infelizes.

Eis o ano terminado. Que nos trará o Ano Novo? Que enigma?

Para uns será a felicidade. Para outros, coitados deles... amarguras e dor.

Mudemos de conversação, querida: a demasiada filosofia aborrece.

Eu distribuí bem as minhas ofertas estes dias.

SAIAS CURTAS? JOAQUIM ALMADA
SAIAS COMPRIDAS?

UM INTERESSANTE INQUÉRITO ENTRE OS
COSTUREIROS, OS MÚSICOS, OS ARTISTAS,
OS FILÓSOFOS E... A IGREJA CATÓLICA

A saia curta ainda continua suscitando apaixonadas controvérsias: há quem a defenda nos termos mais vibrantes de entusiasmo e há quem a ataque, com violência, preferindo-lhe a saia comprida.

Uma revista francesa abriu sobre este tema, ainda novo, ainda oportuno, um inquérito entre os costureiros, os músicos, os artistas, os filósofos e as actrizes. Os depoimentos demonstram que as opiniões estão muito divididas, não faltando nomes prestigiosos, quer entre os atacantes, quer entre os defensores das saias curtas.

Madame Piérat, a célebre societária da Comédie-Française, a intérprete ideal dalgumas das modernas peças francesas, espumantes de ironia, cujas heroínas de psicologia amável e requintada são quasi tanto do seu agrado como as grandes damas das épocas mais esplendorosas e teatrais da sociedade gaulesa, é contrária às saias curtas.

E é bastante severa na sua discrepância: considera-as inestéticas e acentua, com malícia bem feminina, que elas contribuem para pôr em evidência pernas que estão longe de ter inspirado Phidias. Longe de ser platónica no seu protesto, ela aproveita a scena da Comédie para fazer a defesa das saias compridas, usando-as sempre que pode e afrontando, com certo heroísmo, os que a criticam. E nunca até hoje usou saias que evidenciem o joelho.

Abel Faivre, lápis endiabrado e satírico de desenhador, é favorável às saias curtas. Elogia-as pela sua comodidade e crítica, com irreverente ironia, o pudor sobressaltado de muitos homens. E, na sua ironia fustigante, mostra-se scéptico acerca do pudor feminino que, quanto a ele, não foi inventado pelas mulheres...

Outro caricaturista, Albert Guillaume, manifesta-se acima da discussão, limitando-se a ser... caricaturista. E daí a sua fina blague: «Seria duma negra ingratição se, na minha qualidade de humorista, dissesse mal das saias curtas. Devo-lhes tanto!» E acrescenta: «essa moda bemdita é um manancial inextinguível de alegria pitoresca e cómica.»

Forain, o mestre glorioso, o único desenhador a quem a Academia Francesa, última cidadela dos preconceitos conservadores, acolheu, consultado respondeu que não tinha opinião, mas que

fôsem ouvir sua mulher, cuja mordacidade de espírito é deveras notável.

«Diz-se — que raras são as mulheres que conhecem o seu rosto. Pois a moda da saia curta veio demonstrar que são, ainda mais raras, as que conhecem as suas pernas...»

E depois de ferir esta violenta estocada, evoca, com apaixonada apologia, as saias compridas que eram bonitas e deslumbravam mesmo quando usadas por raparigas muito novas...

Van Dongen, o pintor preferido do mundanismo parisiense, é duma grande concisão, no seu depoimento: «A saia curta, é prática; logo é estética.»

Fujita, o bizarro pintor japonês que venceu após um calvário de desilusões, de sacrifícios de que a negra miséria foi companheira fiel, revela na sua resposta, a originalidade estranha do seu espírito. Fujita pretende que a dimensão das saias seja condicionada pelo tempo. De manhã seria excessivamente curta, de tarde um pouco mais longa, e à noite até podia ser de cauda. É a saia em três tempos — subindo ou descendo por imposição dum bom cronómetro.

Plandowsky, da Academia das Belas Artes de Paris, é um partidário entusiasta da saia curta. Acha-a bonita e estética e indispensável à vida moderna.

Dagnan-Bouveret, também da Academia das Belas Artes, reconhece como incontestável a vitória da saia curta. Defensor suave e melancólico da saia comprida pede, num tom de emotiva súplica, às senhoras que a usem na intimidade, ao menos...

Os costureiros também estão divididos: Poiret defende a saia comprida, tendo advogado o seu regresso, numa tournée de propaganda, em vinte cidades da América do Norte, e madame Jenny, combate com igual energia pela saia curta. Dentre os seus argumentos, escolhemos este pela verdade e bom senso que encerra: «A estética, na moda, deve acompanhar os bons costumes.» E a saia comprida, comprida como um cavalo de fiacre, poderá ser compatível com a carlinga dum avião?»

Guardamos para o fim a grave e douta opinião da Igreja Católica. O Cardeal Dubois abstem-se do debate, limitando-se a exprimir o desejo de que a saia, em todas as circunstâncias, respeite, pelo menos, a modestia...

«deux pièces» mas em «crepe satin» verde amêndoa.

Um tom um pouco mais escuro, salpicado de branco, em tecido muito brilhante, serve de guarnição.

Eis com que alegrar tua irmã, não é verdade? Beijos da tua tia

NUELMA.



O grande artista cómico que é hoje figura primacial da companhia Lucilia Simões-Erico Braga é, na verdade, um artista em voga, um artista na «ordem do dia». Tal como os grandes ídolos do público de há muitos anos, do tempo dos elencos maravilhosos do velho São Luís de Braga, Joaquim Almada, ao entrar em scena, em qualquer peça, é saudado ou pela gargalhada franca dos seus fieis, se interpreta os seus impagáveis tipos de farça, ou pelo sussurro marcado da assistência, se lhe cabe uma figura séria, do quilate daquele inesquecível Barão Lebourg, da «Rajada», que este belo actor interpretou, no confronto tremendo com o grande Augusto Rosa e fez viver com tal



Joaquim Almada na sua magnífica criação de «O homem das cinco horas»

humanidade que ergueu a plateia, vibrante, esquecida da sua natural reserva ante tamanho cometimento. A carreira deste artista, artista que não trombeteia antipáticamente a tuba do réclamo a si próprio, artista essencialmente artista e excepcionalmente modesto, a curta carreira deste belo rapaz, tem sido uma marcha segura para o triunfo, marcha sem pressas, sem passos de fantasia, sem vãos para que não tivesse azas, num esforço honestíssimo do seu privilegiado talento para conquistar a estima sincera do público que já o acha imprescindível, em especial na comédia ligeira.

Joaquim Almada é também, no dessorado meio teatral português, um alto exemplo de consciência e probidade artísticas. Neste tablado de farça em que todos os mediocres, enfatuados pelo primeiro sucesso do acaso, desejam, atropelando tudo, ser estrelas máximas, empresários e grandes artistas no anúncio dos periódicos, Joaquim Almada, o mais perfeito e equilibrado artista do seu género que hoje pisa palcos portugueses, um comediante que, em Paris, teria a popularidade de Max Dearly ou Victor Boucher ou Albert Brasseur, tão polimórfo é o seu talento, conserva-se serenamente no seu posto, na sua fileira, desejando sempre aprender, estudar, evoluir para a perfeição. E só por isso Joaquim Almada merece de todos os homens de teatro e do público uma respeitosa simpatia. Ele virá a ser o mais curioso e completo dos artistas portugueses.

A sua «serata d'onore» de amanhã, segunda-feira, provar-lhe-há que é um artista em voga e que o público e os conhecedores querem já profundamente ao grande intérprete do «Homem das cinco horas», «Rei de sorte», «Amigo do seu amigo» e outras tantas obras de espírito do moderno teatro francês.

Lisboa vai provar ao ilustre artista português que muito aprecia as suas altas qualidades e o seu profundo amor ao trabalho e ao estudo.



Conjunto de flanela de lã em branco liso e branco listado de azul escuro.
Foto M. Frères



Vestido em "lamé" e franjas prateadas, de Bone Soeurs.
Foto H. Manuel



Vestido da casa Jenny, em flanela de lã azul claro, fivela de prata.
Foto M. Frères



"Ensemble" em crepe da china azul, aplicação em fio enfiado, manteau em kaschê do mesmo tom, de Mad Deshayes.
Foto M. Frères



(1) Fêlro e plu. ma cinzenta, de Laure André.
Foto M. Frères



(2) Elegante cha. peu em setim e fitas.
Foto M. Frères



(3) Chapeu em feltro preto e penas, de Laure André.
Foto M. Frères



(4) Chapeu em "lamé" prateado e veludo de seda.
Foto M. Frères



Vestido em musseline de seda rosa pálida e tule "pailleté" na mesma cor.
Foto M. Frères

Vestido de "style" em tule bordado de rosa e "lamé" prateado, de Toumoulin.
Foto H. Manuel



Vestido da casa Estelle, em veludo preto e crepe da china branco.
Foto M. Frères



Vestido em setim "charmeuse bleu", de Berr.
Foto M. Frères

"Deshabillé" em veludo verde escuro velho, criação de Geraud.
Foto M. Frères

"Manteau du soir" em veludo preto bordado em vários tons, criação de Mad Deshayes.
Foto M. Frères

MARIA GUERRERO

MARIA Guerrero, a falecida atriz espanhola era, não só uma grande artista, talvez a maior intérprete da dramaturgia castelhana, como também uma grande senhora, dotada de todas as belezas e requintes do espírito e do coração. «Doña Maria», como lhe chamavam, respeitosamente, todos os espanhóis, era filha dum rico industrial e esposa dum Grande de



Espanha, artista de raça também que, como ela, por paixão, se fez comediante, e tem o nome respeitável de Fernando Diaz de Mendoza. Os excelsos artistas e seus filhos, guiados estes pela mesma senda da arte dramática, fizeram, num grande acto de coragem, reviver o mais belo repertório clássico espanhol, dando às encenações uma suntuosidade formidável e desconhecida até aí. Da sua magnífica moradia, dentro do próprio «Teatro de La Princesa», em Madrid, desciam, para decorar as cenas das peças que interpretavam, maravilhosos mobiliários, adornos riquíssimos, obras de arte de preço e assim Dona Maria Guerrero enquadrava o seu formidável talento nas galas mais suntuosas e magníficas. O teatro Cervantes, que os esposos artistas fundaram em Buenos Ayres, é um dos mais formosos teatros do mundo.

Dona Maria Guerrero y Mendoza, que sucumbiu em Madrid quando, já por doença, era substituída pela egrégia Rosário Pino, deixa um nome imorredouro como uma das primeiras atrizes do seu tempo e uma das senhoras espanholas de mais refinado cultivo espiritual.

CASAMENTOS A TIRO

Nalguns pontos da Irlanda, os casamentos ainda se efectuam de acôrdo com uma bizarra tradição que consiste em os convidados acompanharem os noivos disparando, para o ar, inúmeros tiros de espingarda.

Casamento que não tenha este patusco e barulhento cerimonial, é considerado como um acto muito banal e indigno.

Em todo o caso este pitoresco costume pode revestir uma ironia cruel, desde que os dois séres unidos ao som de tiros e ao cheiro de pólvora tenham encontrado a desventura máxima na sua união. E pensarão, supersticiosamente, que os tiros das espingardas, embora dirigidos para o céu, tinham acertado na sua própria felicidade, ferindo-a duma maneira definitiva e mortal.



DO LAR

O MODERNISMO NA DECORAÇÃO DOS INTERIORES

A decoração e graciosidade que todos os interiores necessitam para se tornar confortáveis e apetecíveis, não é somente com a mobília, por mais escolhida que seja, que se conseguem.

Há alguma coisa mais subtil e leve, que dá ao ambiente uma graciosidade e alegria sugestivas. São todos os trabalhos que mãos femininas se esmeram em fazer e bordar, trabalhos esses que dão aos interiores aquela harmonia suave e risonha que nos encanta.

si fazem perder o aspecto artístico que estes «arranjos» de cretones requerem.

O cretone que o nosso modelo mostra é uma maravilha de desenho. Largo e espaçado, encerra em si todo um ritmo evolutivo de arte e beleza.

São os desenhos largos, desenhos estranhos, ou as flôres grandes, que mais contribuem para a nossa já pronunciada preferência por este género de enfeites para portas e janelas, divans e almofadas.



São estes trabalhos: as almofadas, variadas e lindas que se empilham sobre os móveis e carpetes; os *napperons* transparentes e duma brancura de jaspe; as *brise-bises* em tecidos muito finos e imponderáveis ou tule, com desenhos caprichosos dum recorte doce e artístico; os altos e amplos *stores* todos rendilhados e com bordados surpreendentes de suavidade e beleza e por fim os cretones, os variegados e alacres cretones, que tanto contribuem para dar aos interiores um aspecto moderno e interessante que tanto nos agrada e alegra.

São estes lindos elementos, que adornam e embelezam o lar e que as senhoras tanto gostam de confeccionar, dedicando-lhes todo o seu bom gosto e arte, a arte que as suas mãosinhas opalinas e esguías, lhes sabem insuflar nos pontos ligeiros, nos abertos que *barrettes* delgadas atravessam, formando uma rede que prende a nossa atenção e desperta o nosso interesse.

Dois elegantes e vaporosos desenhos para *brise-bise* mostra a nossa gravura.

O desenho em que são compostos os nossos modelos bordados sobre tule é duma elegância requintada, cheia de finura e leveza. As flôres bizarramente lançadas sem simetria nem método, constituem uma das características selectas de graça de que um dos nossos modelos se compõe. O outro, pelo contrário, é simétrico. Uma caprichosa e linda barra divide o tule em rectângulos amplos que metódicamente se espalham nos rectângulos, deixando nos intervalos um rectângulo liso.

Para se confeccionar estes *brise-bises* tem que se ampliar o desenho sobre papel forte e depois cose-se o tule em pontos largos sobre o papel, devendo ficar bem esticado; em seguida borda-se o tule passando a agulha pelos buracos em alinhavos pequenos contornando o desenho ou, então, em ponto de cadeia ou pé de haste.

Temos ainda um «arranjo» para janela, todo feito em cretone.

Na escolha dos cretones deve presidir um grande critério de selecção e bom gosto e não nos entusiasmos, por exemplo, com pequenas flôres cor de rosa e encarnadas que por

Os clássicos reposteiros, pesados e solenes, cheios de franjas e dourados, não se coadunam com os móveis de hoje, muito claros e de estilo moderno.

Num salão, ou mesmo em compartimentos caprichosamente mobilados à antiga, estão estes reposteiros no seu devido lugar, cheios de distinção e elegância. Nos móveis modernos,

em madeiras muito claras e em feitios curiosos, são os cretones, os alegres e festivos cretones, que reinam, que tem a primazia absoluta.

Duas tiras amplas, levemente franzidas, caem preguiçosas e molemente ao comprido das portas ou janelas, com uma graça infinita. Uma tira horizontalmente colocada sobre estas duas, igualmente franzida, completa o ambiente prático e ridendo deste conjunto, que é uma sinfonia de cores, na graça arrebatante dum aposento modernamente decorado.

Eis, pois, leitoras amigas, com que enfeitar o vosso lar sem grande dispêndio e com imensa beleza, aliada ao prático, — ao prático que jamais se deve afastar da beleza íntima do lar.



UMA CAMPANHA FEMININA

As mulheres que os tribunais, em França, condenam a penas, leves ou suaves, têm o direito de conservar seus filhos na prisão. Esta faculdade foi, durante muito tempo, considerada como um dever de humanidade, estabelecendo-se o princípio, em muitos casos verdadeiro, de que a mulher criminosa pode ser uma boa mãe, além de que, a



presença de seu próprio filho, pode contribuir para a sua regeneração.

Porém, os tempos mudaram e o critério, outrora exaltado, passou, agora, a ser considerado execrável. Uma verdadeira campanha, tendo à frente madame Helene Campinchi, mulher do célebre advogado francês, surgiu, contra a permanência dos bebés nas prisões.

Com esse fim, várias mulheres de coração estão tratando da organização de instituições destinadas a assegurar às crianças uma existência que as preserve dos grandes prejuízos e dos grandes sofrimentos que a desgraça ou a maldade dos seus ascendentes lhes poderia acarretar.

A campanha tendente a salvar as crianças do encarceramento junto de suas mães, tem encontrado um grande apoio na opinião pública. Os próprios juizes não se furtam à emoção que, desta humaníssima cruzada, se desprende.

Um deles, o presidente Boucaud, em plena audiência, dirigiu-se a uma das mulheres, sentadas no banco dos réus, nestes termos comoventes:

— Lamento, por causa de seu filho, que não tenha um advogado que a defenda.

O juiz Boucaud não reparou sequer que essa mulher tinha a defendê-la um bom advogado, superior a Henri Robert ou a Moro-Giaffieri, o melhor advogado: um bebé, muito loiro e rosado, que fitava, sorridente, aquele senhor que falava a sua mamã, num tom tão amigável e carinhoso...



GUIDA.

O CONCURSO DA "VOGA"

AUZENDA DE OLIVEIRA

OS MAIS LINDOS OLHOS
DA SCENA PORTUGUESA

ESTA página é dedicada a Auzenda de Oliveira, a arquigraciosa «divette», a possuidora dos mais lindos olhos da scena portuguesa, na opinião de nove mil leitores da «Voga».

Havíamos prometido uma entrevista. Mas a actriz escusou-se gentilmente.

A sua impressão?...

Está desvanecida, mas não envaidecida. Au-

zenda de Oliveira está muito grata à simpatia que lhe dispensam os leitores da «Voga», todo o público.

Mas o Concurso devia ter sido ganho por outras artistas. E Auzenda cita-nos as colegas de «olhos mais lindos»...

«Voga», regosijando-se pelo resultado do Inquerito, pede licença a Auzenda de Oliveira para silenciar...

O SEGREDO DA "ETERNA MOCIDADE" DE AUZENDA

«A eterna mocidade da Auzenda!...» Eis o que à força de repetido se converteu em lugar comum. Ninguém hoje fala de Auzenda de Oliveira sem incidir nessa heroica resistencia que a artista opõe ao marchar dos anos. Noite de «première» no São Luís, tem o infalível comentário que se estende da plateia aos camarotes, ao Jardim de Inverno, durante o intervalo: «É extraordinário! Como ela salta, como ela lansa! Parece uma rapariga!»

Ao sair Auzenda da «Garrett», ao lusco fuscado anoitecer, aproximam-se as mães, estendendo o pescoço: «Quem dirá que a Auzendinha tem a idade que nós... sabemos!»

Auzenda de Oliveira recebe cartas aflitivas de senhoras cuja idade avança impiedosamente, a pedir-lhe um conselho, o «segredo da eterna mocidade». E a actriz representa assim mais um papel: O de directora do Instituto de Beza. Já houve quem lhe sugerisse montar um consultório... Uma fortuna, calcule-se!...

Há cerca de um mês, Auzenda entrava no atá, a fazer compras. Casa cheia de freguesas... ensaio! Miraram-na, remiraram-na de alto a baixo... e, logo a seguir, uns ohs! uns ahs!... e um chuchottement irritante. Auzenda fingia não ouvir e explicava a um empregado o que a levava ali. Uma respeitável matrona saía então do seu cantinho e veio postar-se ao lado da ar-

tista. Sacou da *lorgnette*, esquadrinhou-lhe os olhos, os lábios, a nuca, a vér se lhe descobria alguma incisão na pele, dessas incisões que se fazem agora para acabar com as rugas... Nada!

A velhota não estava satisfeita. E num resmungo, um tudo nada amavel, encarrapitou-se e, muito ávante, disse para Auzenda:

«É espantoso como a senhora se conserva! Há-de dar-me a sua receita, sim?... A senhora salta, dança, e eu mal consigo mexer-me... Já estou trôpega!»

E Auzenda replicou-lhe: «Ah! Eu também hei-de ficar assim quando chegar à sua idade!»

O segredo da eterna mocidade de Auzenda, para o público... Ter começado muito cedo a representar... criança, por assim dizer. Auzenda tem a idade de Aura Abranches e ninguém se lembrou de falar ainda da «eterna mocidade de Aura Abranches», porque esta entrou mais tarde para o teatro.

Auzenda de Oliveira, minhas senhoras, não está velha por uma simples razão: Porque é nova! Auzenda de Oliveira ainda está um bocadinho longe dos 40. E os 40 anos, sempre é a idade mais interessante na mulher... Não concordam Vossas Excelências?...

Ora se V. Ex.^{as} concordam em que essa idade é a mais interessante do sexo fraco e belo,



(Clichés da



Foto Brasil)

acrescendo ainda que Auzenda de Oliveira está longe de atingir tal idade, logicamente se deduz que a nossa biografada, linda, insinuante e viva como um azogue, é uma autêntica menina!... E assim o compreendem o público português que a enche de mimos, nós que até a desejariamos trazer ao colo, e ela própria que, às vezes, ao contemplar-se ao espelho, lhe perguntará curiosa quando é que elle se resolve a dar-lhe um pouco mais d'idade... Ainda há dias a vimos a vender coisas várias na Semana dos Artistas: a arrelia dos que a viam era geral: «Esta criatura descobriu a Fonte de Juvêncio ou tem pacto com o diabo como o Doutor

Fausto!» Qual fonte nem qual diabo! A nossa Auzenda — que ainda hoje é menina porque não é velha, mesmo quando fôr velha ainda há-de ser menina!

A sua beleza, a graciosidade do seu porte airoso, a frescura da sua voz, o encanto dos seus olhos — esses olhos que obtiveram o sufrágio de mais de nove mil leitoras da *Voga*! — tudo isso é delicioso e forma um dos mais harmoniosos conjuntos de beleza feminina que conhecemos. A mocidade não a abandona, o povo adora-a, a sua alma de artista deu-lhe um lugar insubstituível.

É uma das mais queridas actrizes portuguesas.



NINGUÉM se lembrava já, com precisão, do último sorriso de Branca. Só D. Adelaide, forçando a memória, conseguia descobrir na infância da neta uma ligeira gargalhada. Mas há quanto tempo isso fora! Tinha Branca, então, nove anos, e sobre esses nove já se haviam acumulado mais doze, sem que voltasse a gargalhar, a sorrir sequer. Dir-se-ia que um ser maléfico eliminara naquela mocidade silenciosa essa virtude que distingue o racional dos outros animais. Branca desconhecia a volúpia do riso. Grave, calma, hierática, os seus lábios pálidos nunca tremiam sob os vendavais da alegria. Se tinha prazeres, cultivava-os na estufa do espírito, não os deixando jamais assomar à janela da boca.

—Rapariga assim nunca eu vi! — disse a mãe no primeiro dia em que se notou aquele defeito da filha. E repetia sempre que a falta era verificada.

A princípio, o pai, em momentos de bom humor, tentava quebrar a sisudez de Branca, contando, à hora do jantar, anedotas irresistíveis.

No momento agudo das historietas, todos os que se encontravam à mesa gargalhavam — todos menos Branca, que ficava muito serena a contemplar o sr. Magalhães, como se esperasse um outro desfecho.

Vendo que o expediente era improficuo, o pai acabou por desistir, tanto mais que a arte de contar anedotas não era por ele considerada como uma manifestação superior de espírito. Dedicou-se então a comprar livros humorísticos, mais queridos quanto maior era neles o culto do disparate — o disparate traço-queiro que desfaz os aços da austeridade para dar vazio à torrente das gargalhadas. E o desolado pai chegava a casa com a esperança de que aquelas obras alegres curassem o mal de Branca, — mal que lançava uma nota de tristeza em toda a família.

Entregue o livro, o sr. Magalhães ficava aguardando o efeito e no dia seguinte, mal regressava das ocupações, inquiria da mulher:

— Que tal? Está muito interessada na leitura?

E a boa senhora respondia:

— Já o leu de fio a pavio, mas nem sequer descerrou os lábios.

Era uma mágua geral.

Como último recurso, apelaram para as comédias. Durante um ano, sempre que os cartazes dos teatros e dos cinemas anunciavam obra para fazer rir, o sr. Magalhães comprava três *fauteuils* e era certo o espectáculo com a esposa e com Branca.

Mas não havia scena, por mais burlesca que fosse, capaz de descerrar a boca da sisuda. Ria toda a plateia, riam as frisas, os camarotes e as torrinhas, o edifício inteiro vibrava numa gargalhada única, enorme, monstruosa, mas uma boca havia que ficava calada, fria, não partilhava da alegria dominante — a boca de Branca.

— Assim não te divertes nada! — exclamava a mãe, quando regressava a casa. Parece incrível que na tua idade!...

— Ora! Cada um diverte-se à sua maneira! — respondia Branca.

— Nem dá gosto levar-te a parte alguma! — Porquê, mamã? Mas se eu lhe digo que me divirto, que me interesso!...

Não satisfeito com as explicações que ouvia à filha, um dia, o sr. Magalhães procurou um médico e expôs-lhe o caso de Branca.

— Isso é uma questão de temperamento! — diagnosticou o clínico. Não tem importância capital. Contudo, procure proporcionar-lhe distrações, porque os temperamentos assim sombrios são muito imaginativos e próprios a grandes crises de nervos.

O sr. Magalhães retirou-se mais tranqüilo e, a pesar de Branca nunca rir, continuou a comprar livros humorísticos e a levá-la aos teatros e aos cinemas, sempre que anunciavam «fábricas de gargalhada». E era dum grotesco comovedor ver o sr. Magalhães rir ante alguma scena cómica, ao mesmo tempo que os seus olhos procuravam ansiosamente o rosto de Branca, na esperança de que nê se surgisse, enfim, o tão desejado sorriso. Os raios de sol que de manhã lhe entravam em casa, não o tornariam mais feliz se um dia se cristalisassem em oiro!

Branca não ria mas também não sofria de tristeza. Amava as atitudes hieráticas, a vida extática, a placidez de espírito. Desconhecia as grandes convulsões da alma e nunca vira o mundo por um prisma negro.

O médico errara ao afirmar que ela era um temperamento sombrio. Não se enganara, porém, ao dizer que ela devia tender para a imaginação, para o sonho.

Não se enganara...

A Branca era grato passar a tarde sentada por detrás da janela, a bordar ou a ler e, sobretudo, mais a imaginar do que a ler ou a bordar. E como o único panorama que os seus olhos alcançavam era a casa fronteiria, ela esquecia-se longas horas a tecer hipóteses sobre aqueles vizinhos. Já os conhecia a todos, de vista, só de vista, porque há pouco tempo ainda eles se tinham mudado para ali. Os pais, o rapaz e a criada... Quem seriam? Não tinham ainda relações com a vizinhança, não falavam ainda com ninguém dos edifícios próximos... O velho devia ter algum emprego, porque saía às onze e voltava às seis, todos os dias. Mas o rapaz? Andaria a estudar? Emprego não tinha, pois passava todas as tardes em casa, umas vezes a fa-

zer ginástica, outras a ler e outras, ainda, debruçado na janela.

Branca conhecia já todos os seus gestos: sabia quando era para tirar tabaco que ele levava a mão ao bolso, quando era para apanhar um livro que ele estendia o braço, quando era

vergonhada consigo própria e intimamente monologava:

— Se ele soubesse o que eu estava a pensar!

E não mais olhava para o outro lado, quasi receando que o vizinho tivesse adivinhado, de facto, os pensamentos dela.



para alisar o cabelo que ele se aproximava do espelho.

O único entretenimento de Branca, quando estava fatigada de ler ou de bordar, era seguir disfarçadamente todos os movimentos daquele jovem vizinho.

As vezes, a sonhar, esquecia-se do tempo... Eis um sonho ténue, vago, um simples desfile de hipóteses... Se ele, um dia, se lhe declarasse? Ela diria que sim ou diria que não?

E quedava-se a admitir, a fantasiar o que sucederia, se respondesse afirmativamente... E via-se pedida em casamento; o pai dêle, muito grave, dentro dum *frack*, a solicitar-lhe a mão, entre pessoas amigas que seriam convidadas para a cerimónia. Que *toilette* vestiria ela nesse dia? Uma *toilette* nova? Sim, devia mandar fazer uma *toilette* nova!

Vinha depois o casamento... Um carro forrado de damasco branco? Não; ela preferiria que tudo se realizasse na intimidade; que o padre e o registo civil viessem a casa. Mas ele estaria de acordo?

Rompíam-se as visões e quando a realidade surgia, nítida e vencedora, Branca ficava en-

Mas essa reacção durava pouco e, de novo, surgiam as perguntas de sempre:

— Como será êle? Meigo? Impulsiivo? Terá noiva?

Depois, uma esperança sobre o oceano agitado da dúvida:

— Ora! Muita gente tem casado assim! Conhecem-se duma janela para a outra e, por fim...

Um dia, excepcionalmente, em casa de Branca, falou-se daqueles vizinhos. Já se conhecia a identidade dêles. O velho era chefe de repartição, num dos ministérios, e estava prestes a aposentar-se; o rapaz acabara de se formar em direito e estava praticando no escritório dum advogado célebre.

Branca sentiu, intimamente, uma grande alegria. A profissão do vizinho agradava-lhe tanto como se ela fosse directamente interessada no destino daquela vida.

E o júbilo foi tão grande que nem esmoreceu sequer quando a mãe, à noite, lhe disse que os Silveiras, do primeiro andar, chamavam-lhe a «senhora Pamplinas», por ela nunca rir...

Nunca notícia alguma de jornal fôra lida tão repetidas vezes por Branca. Aquela dizia respeito ao jovem do prédio fronteiro. Branca sabia agora o seu nome: Mário de Lencastre. O jornal trazia o retrato dêle e o extrato laudatório da sua estreia no tribunal. Fôra um êxito: o réu absolvido e a multidão impressionada. Era um advogado de grande futuro.

Quando já decorára a notícia, Branca que- dou-se a imaginar a volúpia que sentiria nesses dias em que Mário, ao regressar do tribunal, excitado ainda pela defeza que fizera do constituinte, lhe pudesse dizer:

— O réu foi absolvido.

Ah! ela, então, abrir-lhe-ia os braços e abraçá-lo-ia e beijá-lo-ia, sôfregamente, doidamente!

Aquela tarde toda a casa vibrou com uma grande gargalhada, uma gargalhada enorme, estridente, como de cristais que se partissem.

— Finalmente! Branca ri! Branca já ri! Deus do céu, que felicidade! A minha filha já é como as outras mulheres! — exclamou, comovida de alegria, a mãe, correndo para a sala.

Atrás, arrastando-se, veio a avózinha, ansiosa por verificar a metamorfose da que nunca ria.

Era um contentamento enorme, profundo, a fazer vibrar a alma daquelas duas mulheres, entristecidas desde há muitos anos com a imperturbável sisudez de Branca.

Ela agora já ria! Ela agora já era como as outras! Que alegria a do pobre pai, quando, à noite, soubesse a notícia!

Quando as duas entraram na sala Branca ainda gargalhava; mas era uma gargalhada nervosa, histérica, que ia a pouco e pouco amortecendo, até terminar numa crise convulsiva de pranto.

As duas mulheres, ante aquele enigmático desfecho, quedaram-se a olhar uma para a outra, perplexamente.

No prédio fronteiro estavam muitas pessoas, todas vestidas de cerimónia. Ao centro, de *frack*, encontravam-se Mário e uma rapariga em trajes de noivado.

Ao ver a scena, a avózinha ordenou à mãe de Branca:

— Fecha para lá essa janela! Escusam de ver o que aqui se passa...

FERREIRA DE CASTRO.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CULINARIA

ARROZ A VALENCIANA

TOMA-SE uma porção de bom azeite, põe-se numa caçarola com alguns dentes de alho, leva-se ao lume e, depois de alhoar o alho, tira-se este da caçarola e deitam-se dentro dela bocados de febra de frango e fatias de presunto, que também se deixam fritar, juntamente com pimentos frescos, cortados em tiras, depois de descascados e limpos de sementes.

Neste molho deita-se arroz bem lavado; dá-se-lhe uma volta, para tomar bem o gosto do molho, deitando-se em seguida na caçarola uma porção de água para coser o arroz e um pouco de açafrão.

Durante a cosedura não se mete a colher no arroz; por isso, essa cosedura deve ser a fogo brando, para o arroz não pegar, pois deve ficar quasi enxuto e muito solto. A prática ensina, conforme a qualidade do arroz, a graduar a porção da água, e deve escolher-se arroz muito pouco gomoso — como, por exemplo, o Carolino — para que, depois de cosido, os bagos fiquem soltos.

Quando não há pimentos frescos e se empregam os de conserva, estes não vão a frigar no azeite, e só se deitam juntamente com água.

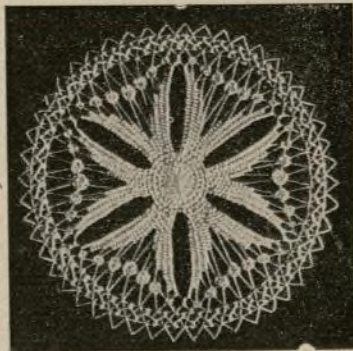
SOUFFLÉ DE BACALHAU

Põe-se de molho o bacalhau, tiram-se-lhe postas do lombo, sem peles nem espinhas, e passam-se pela máquina de picar.

Põe-se numa caçarola cebola picada, banha de porco e bastante azeite fino e, quando a cebola está loira, deita-se na caçarola o bacalhau a guizar. Em seguida junta-se uma papa de miolo de pão, perfeitamente embebido em leite, e deixa-se ferver algum tempo.

Tira-se do lume e juntam-se-lhe gemas de ovos batidas; tendo deixado esfriar, mexe-se e volta ao lume para coser levemente os ovos. As claras batem-se até ficarem como secas e, quando o guizado está prestes a ir para a mesa, misturam-se na massa, deita-se tudo em forma untada com manteiga, não a enchendo completamente, e leva-se ao forno.

BORDADOS E RENDAS

RENDAS DE TENERIFFE
"FILET-RICHELIEU"

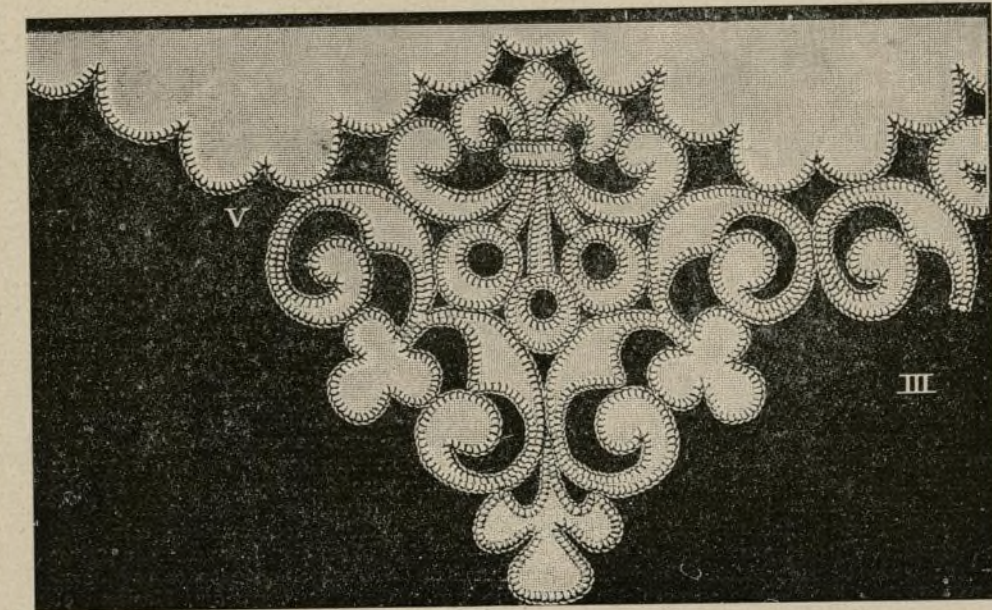
As rendas da nossa página, tão variadas e escolhidas, são um mimo de graça nos seus desenhos lindos que contrastam entre si nos modos vários de se confeccionarem. As rendas de Tenerife são umas rendas muito subtis e transparentes, com uma graça que vive da gentileza de linhas e motivos, dum recorte suave que nos encanta.

A magia que todas as rendas infiltram no público feminino é originada pela sua brancura de jaspe que lembra espumas e nuvens rendilhadas, néveas e lindas no azul transparente do céu.

Para se confeccionar as rendas de Tenerife é preciso uma pequena fôrma redonda em metal ou cauchú, com pequenas pontas em metal. Quando não se tenha este elemento e haja dificuldade em o adquirir, pode-se substituir por uma rodela em cartão forte que se pica em volta com o número de piques que se desejar.

Há a notar que a parte que fica para dentro do picado deve ter o tamanho exacto da roseta que se desejar fazer.

Passa-se depois um fio por todos os buracos feitos com o alfinete, metendo-se a linha pelo



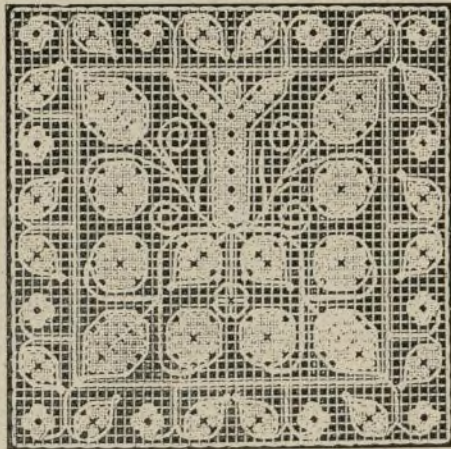
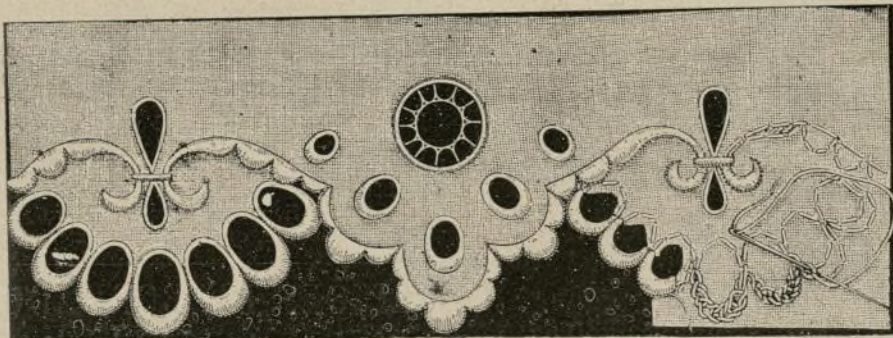
renda, é também um trabalho de relevo na arte feminina das rendas, bordados, almofadas, etc.

Vários modelos são hoje publicados para identificação deste trabalho, que no passado número

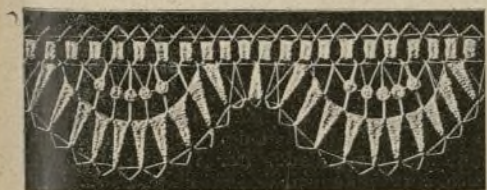
grandes quantidades desta rede, para ser bordadas, em todos os tamanhos e mesmo nalgumas cores.

Tornaram-se facilimos, pois, o uso destes trabalhos e a sua confecção.

Temos, por último, alguns recortes muito interessantes para roupas brancas e *napperons*. Os bordados a branco, a pesar da enorme



lado de trás e saindo pela frente. É esta linha que segurará os fios que se cruzam para formar a roseta e que depois se tecem. O cartão para a renda é feito da mesma maneira; a diferença

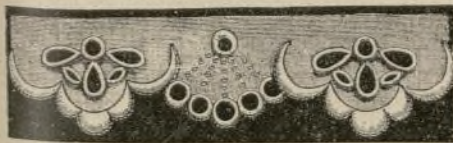


que existe é, em vez de ser cortado em redondo, ser o cartão cortado em pontas.

Depois da roseta ou renda feitas cortam-se os pontos que previamente se fizeram e que a ligam ao cartão.

Junto aos nossos modelos inserimos uma fôrma para que a explicação acima dada se torne de mais fácil compreensão.

Tanto as rosetas como a renda são feitas em linha muito fina e brilhante, podendo mesmo



ser feitas em cores. Constituem enfeites lindos para roupa branca ou em cor como é moda. São rendas que muito bem se harmonizam com opales, nansuques e sedas.

Para as senhoras que teem a justificada pretensão de confeccionar os seus enxovais só pelas suas mãos, damos nós estes modelos, que lhes devem agradar.

O *filet-Richelieu*, a que no número passado me referi e do qual publiquei um motivo para

execução, se tornava, por isso, aborrecida para trabalhos muito grandes.

No mercado teem aparecido, há tempo, já

de chá ou mesmo de jantar, não sendo de grandes dimensões.

Como as leitoras veem, aqui lhes apresenta-

mos variados modelos, onde a sua preferência pode escolher à vontade, tanto no género de trabalho como no motivo que os enfeita sem grande dificuldade nem hesitação.

BERENICE.

A NOSSA PÁGINA
DESENHADA

CONTINUANDO a publicação de vestidos prateados aliadas à sua simplicidade e ticos, em que a harmonia e elegância utilidade, apresentamos uma página muito curiosa e de grande utilidade moderna e prática.

N.º 1 — É um gracioso vestido de linhas direitas, em que se podem aproveitar duas fazendas cujas cores se harmonizem. É este um vestido simples e ligeiro que praticamente se traz por casa ou se usa sob o casaco de abaco.

N.º 2 — Vestido de noite em preto e branco, sobrio e elegante nas suas tonalidades discretas.

N.º 3 — Um lindo vestido para menina, em *taffetà* enfeitado com pequeninas rosas na saia e no decote. Para meninas novas os mais usuais e interessantes são os vestidos desprovidos de enfeites demasiados. A graça toda deve-lhes ser dada pelo seu corte e um leve e tênue enfeite, como sejam as pequeninas rosas. Este modelo, cheio de leveza e encanto, é a prova exacta do que digo.

N.º 4 — Um *chic* conjunto em veludo preto e bege.

O casaco tem os virados, os punhos e as algibeiras enfeitados com o veludo do vestido, e sobre este uma estreita *soutache* em preto, formando três riscas.

Sobre o vestido viezes em veludo preto, e as mesmas riscas em *soutache*.

Este conjunto é duma harmonia tão perfeita o seu aspecto é tão encantador, que muito vai agradar às nossas gentis leitoras.

N.º 5 — É um bizarro conjunto, imitação de fato masculino, mas dentro deste género original e interessante.

O vestido em *beige* muito claro e sobre este um *jumper* em azul ou castanho claro, cor de tabaco.

N.º 6 — Lindo vestido em dois tons, da mesma cor, que podem ser dois tons de azul, ocre, salmão ou *beige*. Uns leves pontos fazendo guarnição enfeitam as algibeiras, o *empiècement* e a gola do vestido, devendo bordar-se a parte mais escura em mais claro e vice-versa. No cinto uma fivela de pedras.

N.º 7 — Vestido em lã azul com um laço em crepe da China no mesmo tom. Uns pequenos viezes em crepe da China também no mesmo tom enfeitam o corpo, mangas e a saia do vestido, que é talhada em *godets* formando recortes. É um encantador vestido, modelo duma das casas de Paris de grande nomeada.

N.º 8 — Um prático vestido em verde amêndoa e *beige*, em dois tons. Sobre o tom mais claro pequeninos botões verdes no tom do vestido.

N.º 9 — Lindo *ensemble* em *beige* cinzento. Estreitas fitas em veludo enfeitam o casaco e vestido muito simples e elegantemente. É um vestido para meia estação, duma graciosidade cativante.

N.º 10 — Elegante casaco-capa em lã castanho muito escuro e peles amarelinhas. É este um conjunto bastante harmonioso.

N.º 11 — Vestido *tailleur* em *popeline* de lã verde claro.

Um galão no mesmo tom enfeita a frente do casaco, simula-lhe algibeiras e enfeita as mangas, o que lhe quebra o feitiço usual, adornando-o com gosto.

N.º 12 — Vestido em veludo preto e crepe da China estampado em vários tons de lilaz, formando a gola e enfeitando a parte da frente, o interior das pregas da saia e os punhos.

É este modelo dum conjunto maravilhoso de graça e bom gosto.

N.º 13 — Vestido em *reps* verde azeitona. Uma fita prateada termina os virados da gola com um laço. O cinto é em verde também com uma fivela prateada. Um fio prateado contorna a costura do *empiècement* e desce na frente do vestido.

O aspecto deste vestido, tão sobrio, é duma grande elegância.

N.º 14 — Vestido *tailleur* em *reps* azul marinho e blusa em seda branca ou rosa pálida. É este um vestido muito prático e elegante.

N.º 15 — Vestido em crepe da China azul marinho e fitas em dois tons de azul, um mais forte e outro mais claro. É um delicioso conjunto o deste vestido em que a simplicidade é o seu maior encanto.

CARMEN.

— Ah! senhora... Todo o estabelecimento é seu. A pérola o que é? Nada. Um presente! Nove libras e meia, seja.

XVIII

— Senhor de Sévigné, oiça uma lenda turca. — No princípio, Allah criou todos os povos. Depois, desejando que todos fossem justos e íntegros, pôs a honestidade a coser numa grande marmitta. Ao fim de sete anos, a honestidade estava cozida. Allah havia-a mexido como devia ser, com uma grande colher de ouro. — Vai agora — diz ele ao Arcanjo — e traze-me os que eu criei. — O Arcanjo foi em cata dêles pelo mundo. Os Crentes foram os primeiros a chegar, porque habitam mais perto de Deus. — Aqui tendes, homens fiéis! — disse Allah, dando-lhes, sem medir, uma colherada cheia da preciosa droga. — E eles foram-se embora, honestos para sempre. Vieram os Frankes por sua vez. — Aqui tendes! — disse Allah. E deu-lhes segunda dose, tão grande como a primeira. Chegaram enfim os Idólatras. — Aqui tendes, infelizes! — E deitou a terceira colherada.

SALAO PARADIS

CHAPÉUS DE SENHORA

Direção técnica de
MARIA AMELIA FERREIRA DA SILVA
EX-PRÉMIÈRE DE MIMOSO

Criações próprias — Trabalho perfeito pelo sistema francês — Copias de modelos parisienses em todos os estilos — *Arte, Simplesse, Elegancia* — ESPECIALIDADE: Chapéus de luto, soirée e scena

Rua da Glória, 95, 2.º — LISBOA
Telefone: Norte 598

Quázi nada havia já na marmitta. — Senhor! Senhor! — gritou de súbito o Arcanjo — aí veem os Judens e os Persas, de quem nos esquecemos! — Allah, inquieto, voltou a marmitta; porém, mesmo raspando o fundo e lim-lherada. «Tanto pior!» — disse ele. — Os Judens e os Persas que a repartam.» E os Judens e os pando as bordas, só conseguia encher uma co-Persas foram-se embora, cincoenta por cento mais velhacos e ladrões que os Idólatras, os Frankes e os Crentes. Não ficara, sequer, uma gota de honestidade na marmitta. E foi então, aí! que chegaram, deploravelmente atrasados, os aménios.

Assim proclama a senhora Erizian, com certa graça altiva, a duvidosa reputação dos indivíduos da sua raça. Não serei eu que me queixe dela; ainda há pouco, a intervenção da minha nova amiga e a sua tática, me auxiliaram, precisamente contra o sr. Carazoff, conseguindo eu pagar os tapetes apenas pelo dôbro do seu valor. Como agradecimento, ofereci à senhora Erizian metade do meu araba, que ela aceitou sem cerimónia. E passámos por cima do Corno de Ouro, pela imensa ponte de madeira, que sobe e desce como uma pista de montanhas russas. Madame Erizian tem uns belos olhos arménios, compridos e vivos, que nos assesta em cheio, com um aprumo tranqüilo de senhora velha.

— Sabe? estou contente com o acaso de hoje. Tinha vontade de o conhecer, depois do que me disse Maria.

— Lady Falkland?

— Sim... chamo-lhe Maria porque a conheci dêste tamanho... ou quázi: acabava de casar quando chegou a Constantinopla. Faz oito anos em Dezembro... Era nova de mais. Lá para as Antilhas, casam-nas logo que as desmamam. Pobre menina!

Tive a sensação de estar ouvindo uma velha dama de entre Loire e Sena. A ponto tal que não pude deixar de interromper.

— A madame esteve muito tempo em França?

— Eu? Nunca lá pus os pés... É o meu francês que o espanta? Em Constantinopla toda a gente fala francês...

— Mas não é o mesmo francês que a senhora fala.

Lave, ondule e
côrte o seu
cabelo

na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA
AVENIDA, 35
Novas instalações

O HOMEM Claude Farrère

QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

— Ah! tem convívio com os Gregos. Sim, eles tem uma porção de idiotismos bastante pitorescos. É que as mulheres gregas raramente abrem um livro. Nós, Arménias, lemos.

— E com êxito.

— Sim!... Eu não sei fingir de modesta, advirto-o. Os nossos maridos são, como angaria dores de dinheiro, os mais hábeis do mundo. Mas nós, estou convencida de que somos as mais inteligentes de todas as mulheres.

Sinto em mim a alma de São João Bôca de Ouro.

— E então por inveja que os Turcos os chacinam de tempos a tempos?

Replicou sem o menor embaraço:

— Não... é por instinto de conservação. A lei de Darwin, muito simplesmente. Se não nos matassem à pancada algumas vezes, eramos nós que os matávamos à fome. Nós somos modernos de mais, e eles de menos. Nem é culpa nossa, nem dêles. E não tem graça nenhuma, esta necessidade de nos matarmos uns aos outros...

Madama Erizian medita um minuto. O araba vai subindo, em trote vagaroso, a costa em zigzag que contorna Yuksek-Kaldirim.

— Afinal, desviámo-nos do assunto. Eu tinha uma pergunta na ponta da língua: o senhor está um pouco apaixonado por Maria, não está? Caio das nuvens, — sinceramente.

— Eu, senhora? Por favor, digne-se reparar na cor dos meus cabelos. Tenho quarenta... tenho mais de quarenta anos.

mãe, sem poderosos motivos. E nessa conjuntura...

— Nessa conjuntura, sir Archibald, orgulhoso como um pavão e baronete até a ponta das unhas, não aceitaria nunca separar-se do filho herdeiro do seu nome. Portanto ele disporá as coisas, dê por onde der, para que o divórcio, se divórcio houver, seja pronunciado contra a esposa. E haverá divórcio, porque sir Archibald é muito poderoso, e mais astuto do que se imagina, ao ver aquela corpulência. Maria certamente poderia defender-se, mas atacando: precisava de espiar um pouco em sua casa, ver o que lá se passa, arranjar prova e ela própria pedir o divórcio. Não era empresa difícil, e juro-lhe que eu... Mas a pobre pequena não tem energia para isso. Ou antes, são os escrúpulos da raça que a paralizam: espiar! não quer. É uma Latina puro sangue; traz aos ombros um fardo de preconceitos elegantes e nefastos... e até contra assassinos, recusa bater-se à faca.

— Que quer, minha querida senhora? Somos assim. Eu, Latino, recusar-me-ia, como ela.

— Porque o senhor não conheceu nunca as batalhas do Oriente, onde todos os golpes são de morte. Olhe, no outro dia, Maria, a eterna doida, combinou com o senhor encontrarem-se em Stambul para um passeio, a sós. Pois bastava, talvez, que um dos espíes do marido os tivesse surpreendido no cemitério da grande muralha, para estar achado o pretexto do divórcio.



PIANOS

AUTOPIANOS

ORGÃOS

GRAMOFONES

E DISCOS

As melhores marcas

Os melhores preços

SASSETTI & C.^a

54, 58, Rua do Carmo

— LISBOA —

— Oh! diga a conta certa! É-me indiferente; eu tenho sessenta e quatro! Pouco importa: o senhor parece ainda muito novo. E a idade não faz ao caso. Portanto, o senhor está apaixonado por Maria...

— Mas de forma nenhuma! Sinto por lady Falkland viva simpatia, mas puramente amistosa. Lady Falkland é encantadora, simples e boa, e é muito infeliz, se me não enganar...

— Não, não se engana! Enfim, para acabar, o senhor não está apaixonado. Bem, é o que é preciso. Não vá apaixonar-se agora, por Deus!

— Não o receie. Todavia, — simples curiosidade — porque é que, minha querida senhora, se lhe afigura tão deplorável essa eventualidade?

— Porque, como o senhor disse e bem, Maria é muito infeliz tal como é, e nada ganharia em introduzir em sua pobre vida motivos para maiores sofrimentos. Se o senhor a amasse, far-lhe-ia mal... Não diga que não: eu sou suficientemente velha para saber o que significa amar. Sim, far-lhe-ia mal. Ora, para essa tarefa não faltam colaboradores: o devasso do marido, a víbora da prima, o bebê, já ingrato, e o Cernuicz, e todos os outros... Acredite, o senhor é dispensável!

A senhora Erizian fala com veemência. Agrade-me isso: estimo muito as pessoas que sabem estimar os seus amigos.

— Descanse, minha senhora; não farei mal a lady Falkland, nem por essa forma nem por qualquer outra. Mas a propósito de lady Falkland, quer ter a bondade de me explicar um enigma que me intriga deveras? Ei-o: eu compreendo que não seja muito agradável ser esposa de sir Archibald; mas não compreendo como, sendo-o, se receie deixar de o ser... Sim; segundo se diz, lady Falkland correria o perigo de um divórcio, em virtude do qual lhe tirariam o filho. Conheço mal a lei inglesa. Mas suponho que essa lei não poderá tirar um filho a sua

— Isso sim!

— Ah! o senhor não conhece esta terra. Enfim, fica prevenido. Como vê, não é difícil fazer mal a lady Falkland. — Arabadji, dur!

O cocheiro pára. Estamos em Pêra, à entrada de uma destas paragens cobertas que, no mais espesso do bairro, ligam a rua Cabristan à Rua Grande. É aí que mora a senhora Erizian.

— Venha palestrar comigo algumas vezes ao canto do fogão, de tarde. Estou sempre em casa e tenho bom chá. O senhor, um civilizado, gostará de ver uma selvagem da Arménia desembaraçar-se entre a água quente, o creme e o açúcar?

— Uma selvagem bem requintada. Há quantos séculos deixou sua família a tenda natal?

— Séculos? Minha mãe lá vivia, debaixo dessa tenda, entre Erzerum e Erzincian. Eu lá nasci e sou a primeira do meu sangue que foi transplantada para Constantinopla e aqui aprendeu francês. A transformação operou-se num pronto, meu caro senhor. Eu bem lhe dizia que as Arménias são as mais inteligentes de todas as mulheres!

XIX

Outubro.

Tinha-me eu habituado à minha vida de Setembro, meio rústica, meio citadina; às longas travessias do Bósforo, às horas indolentes de chirket-hairié ou de caïque. Mas hoje que Terápia e Beicos se acabaram, tenho Stambul para esquecer. E, por minha fé, que as esqueço! Stambul é a deliciosa capital do esquecimento. Naquelas inumeráveis ruas emaranhadas, que desde o primeiro dia me conquistaram, respira-se, entre o sol, o silêncio e a solidão, não sei que filosofia serena que se encarrega de pacificar todas as agitações, de consolar todas as agitações e de consolar todas as angústias. Se o destino, em vez de me confinar na mono-

tonia das existências modernas, me houvesse dado a tumultuosa carreira de um herói de romance ou de tragédia, parece-me que, depois de velho, cansado, contundido e farto de peripécias e baldões, era em Stambul que eu viria repousar e adormecer.

As manhãs me bastam para o meu trabalho cotidiano: um adido militar francês pouco tem que fazer nesta Turquia, demasiadamente enfadada à Alemanha. Só tenho um amigo no mundo oficial: Mehmed pachá. E a nossa amizade tem até de se submeter a certa reserva aparente. Com vontade ou sem ela, somos dois espíes, cuja espionagem não é no mesmo campo.

Os meus serões, mais aqui do que em Terápia, são absorvidos pelos deveres mundanos. Jantares ou bailes, todos obrigatórios e irrecusáveis, fazem que eu não tenha livre uma noite em cada sete... Mas é bem meu todo o tempo que vai do almoço ao five o'clock tea. E almoço, de propósito, muito cedo, e não começo as visitas indispensáveis senão depois das seis, ao cair da noite. E posso á minha vontade, longamente, lentamente, em grandes pas-

FOTOGRAFIA PORTUGALIA

A MAIS CHIC
DO PAÍS

RETRATOS
DE ARTE

105 R. PASCOAL DE MELO, 109
TELEFONE 2179-NORTE

seios extravagantes, descobrir Stambul inteira, da ponta do Serralho aos Muros, e do Corno de Ouro ao Mármara. Já tenho os meus sítios preferidos. Primeiro a esplanada da Suleimanié Djami, e o pátio claustrado da mesquita de Selim, onde me conduzi, no primeiro dia, lady Falkland. E depois outros recantos, que eu acho um a um: um arco de aqueduto todo revestido de hera, que galga uma minúscula rua, a dois passos do famoso bairro de Abul Vefa: uma velha praça lageda, onde se levanta uma mesquita decrépita, que se chama a mesquita das Tulipas; — e o mais adorável dos pequenos cafés turcos, o de Mahmud pachá Djami, inteiramente sepultado sob imensos plátanos.

Duas vezes em duas semanas, retomei o caminho de Canlidja, e lady Falkland recebeu-me na sala tapetada de yorghés. De ambas elas, lady Edith, cuidadosa em importunar sua prima, não nos deixou sós nem um minuto. Mas temos tirado livres desforras: quatro passeios na nossa Stambul, quatro longas palestras pelas

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

nossas ruazinhas, nos nossos grandes cemitérios ou nos degraus das nossas mesquitas. Não me esqueci das palavras de madama Erizian, e lealmente objectei o perigo de semelhantes escapadas...

— Sim, bem sei, — me respondeu ela. — Ninguem vê mais claramente do que eu o perigo que me espreita. Mas, meu amigo, gosto de brincar com esse perigo. E não assumo consciência da minha dignidade de mulher que se diz livre, senão à força de coragem inútil e de voluntária temeridade. Por isso, não me fale nunca em prudência.

Não falei. Agradava-me a coragem inútil. As mulheres não tem, como nós, o dever de honra de ser valentes, e quando o são, principalmente sem necessidade, a sua bravura que é duplamente luxo, adorna-as de superior elegância.

(Continua)



Grafologia

AVISO IMPORTANTE

Temos em nosso poder algumas consultas já analisadas mas que em face da impossibilidade de ampliar o espaço reservado a esta secção, aguardam a sua publicidade segundo a ordem por que foram recebidas e, conseqüentemente, numeradas.

N.º 322 — *Rosa Silvestre* — É o grafismo de alguém que procura guiar todos os seus pensamentos, palavras e gestos, pelo exemplo de uma outra pessoa cuja vontade foi, ou é, presentemente imposta.

Bondade natural, num grande desejo de aperfeiçoar-se e atingir o ideal ambicionado...

N.º 323 — *Citadina* — Consciência da sua actividade enérgica e incansável.

Não ignorando que, pela sua atitude decidida, conseguirá obter bem mais facilmente os seus fins em vista do que por um grande número de palavras.

A sua acção exerce-se principalmente no sentido do futuro e todos os seus gestos obedecem a este seu pensamento.

N.º 324 — *«José do Capote»* — Pronto Doutor José do Capote! Cá estou falando! Cá estou contando!

Sabe uma coisa?

O meu diagnóstico é grave, gravíssimo... Trata-se de evitar esse seu cansaço, resultante da extrema actividade mental de que tem abusado ultimamente.

Essa sua preocupação pelo resultado dos seus esforços também deve ser reprimida...

Vamos! É necessário ver a vida um pouco mais filosoficamente. Confiar mais na Providência, e, sobretudo, não abstrair da sua vida profissional o repouso de que tanto necessita!

O meu diagnóstico?!...

Mas ei-lo: — um princípio de «surmenage» que pode até desencadear uma neurastenia febre, se não modificar essa sua existência tão sedentária.

Viaje, faça sport, ria e não esqueça aquele sábio ditado:

Souvent, de peur d'être ridicule, on renonce au sublime!

...Que eu não sei se me faço compreender?...

N.º 325 — *Beatinha* — Simplicidade natural e



TILAI
ESTUDIO
DE DANÇA
RITMICA, PLAS-
TICA, MIMICA

2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das 10 às 12 horas e das 15 às 17 horas

Rua Marquês da Fronteira, 82
CAMPOLIDE

conseqüente de uma definida dificuldade de expressão, talvez resultante da sua idade.

Desejando aperfeiçoar-se e obedecendo a um sentimento decididamente copista mas inofensivo.

N.º 326 — *Faisão* — Consciência bem equilibrada, manifestando-se numa natureza certa-mente impulsiva e sensível.

Quando «infiltrar» a sua personalidade, não tem uma determinada ciência a que não é es-quecido um certo egoísmo, aliás pouco perigoso.

N.º 327 — *Dr. Marques* — Um grafismo ates-tando a posse de inúmeras características bas-tante complexas. Ora revelando uma natureza bondosa, ora firmando uma irritabilidade rígida e indomável.

Todos os traços indicam actividade precipi-tada, consciência do seu valor e lógica sensata e ponderada.

N.º 328 — *«Ailema»* — Equilíbrio de faculda-des, ponderação e energia.

Espírito lúcido, sabendo abranger a totali-dade dos aspectos na sua fase mais evidente e propicia ao triunfo da sua vontade indubitavel-mente forte.

Como defeito só entrevejo uma parcela de fá-cil irritabilidade, resultante do seu tempera-mento um pouco impulsivo e, por vezes, precipi-tado.

N.º 329 — *Primavera* — Bondade, alegria na-tural, imaginação fecunda e activa. Verbosidade e inteligência. Expansão aparente porque no fundo só diz o que quer, sabendo concentrar sempre toda a sua força de vontade com ener-gia e uma decisão a que não é estranha uma certa finura calculista.

N.º 330 — *M. C.* — Campolide. — Bondade oca-sionalmente prejudicada por um excesso de energia que na maioria das vezes se traduz numa irritabilidade impossível de reprimir. Simplicidade e dificuldade de expressão.

O LIVRO DE BEBÊ

Livro Util e Indispensável às Noivas, às Mães, às Avós



VERSOS DE DELFIM GUIMARÃES
ILUSTRAÇÕES DE RAQUEL ROQUE GAMEIRO OTTOLINI

Grande Edição Ilustrada

Temas: O Nascimento, O peso da criança, O pri-meiro passeio, O registo, O batizado, O pri-meiro sorriso, O vestido de meio curto, O primei-ro dente, A vacina, A primeira papinha, As pri-meiras passadas, Os primeiros sapatinhos, A primeira palavra, Os amiguinhos, A cor dos ca-bêlos, Os presentes do primeiro aniversário, A oração, O retrato, A altura, As primeiras lições.

Pedidos aos Depositários

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

N.º 331 — *I love him but he doesn't love me!* — Energia e vontade impulsiva, procurando manter um «self-control» que a força a dissimu-lar os seus mais profundos sentimentos.

Tôda a sua calma, tôda a sua rigidez é pura-mente aparente!

Porque não procura antes sentir-se tal qual é, meridional autêntica, apaixonada e sincera?

You love him but he doesn't love you?!... Ask him, why?!...

N.º 332 — *Gargalhada Permanente*. — Exalta-ção e entusiasmo um pouco enervado numa grande dificuldade em manter tôda a serenidade dos seus gestos e tôda a calma e disciplina dos seus pensamentos.

Franqueza demasiada, uma quasi indiscreção que bastantes dissabores poderá causar-lhe se não tentar chamar a si mais um pouco de re-serva natural e também uma maior decisão e ponderação nos seus gestos e atitudes.

N.º 333 — *Oriana*. — Actividade decidida e até

por vezes manifestando-se impulsivamente num excesso de movimento e energia absolutamente desnecessários.

Altivez resultante da consciência da sua von-tade corajosa e até hoje triunfante mas... assás débil no que toca ao sentimentalismo porque parece subordinar sempre todos os seus senti-mentos a uma afectividade tão exagerada quanto passional!...

N.º 334 — *Ronena*. — Sentimento estético alia-do a uma rigidez de atitudes e de pensamentos que todavia não consegue traduzir facilmente para um pano real.

Discreção, economia, simplicidade e mentali-dade desenvolvida e fecunda.

Para uma descrição mais desenvolvida e mi-nuciosa dos seus característicos grafológicos podem tôdas as ex.ªs consulentes da *Voga*, reenderçar estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indi-cadas na secção grafológica dessa revista men-

sal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Tôdas as consultas dirigidas à *Voga*, deve-rão ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Ber-trand* nas condições indicadas na secção gra-fológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

OS PIRATAS DE HOLLYWOOD

QUAIS mariposas estonteadas e atraídas pelo brilho das fortunas de Hollywood, os «piratas sociais» não descansam na sua actividade na capital do Cinema.

Estrélas, directores e demais elementos de destaque em Hollywood precisam usar de todos os recursos e muita energia para fugir à perseguição dos escroques de todo o genero que por lá andam à cata de oportunidades para tirar partido.

Desde as simples cartomantes e astrólogos de fancaria, a aproveitar-se da superstição alheia, até aos mais refinados «cavalheiros de indústria», nas suas variadas actividades, todos eles não perdem vasa para explorar. Sabedores de que os artistas de cinema disfrutam excelente situação financeira, à custa de trabalho árduo e contínuo, não ha pretexto de que se não sirvam para o fim almejado.

Os artistas visados, usam de todos os meios para fugir a semelhante praga. Os «piratas», entretanto, não descansam. Penetram pelos estúdios, como extras, dissimulam-se de todos os modos, acercam-se em plena rua, abordam audaciosamente os automóveis em movimento, enfim, vão até à ameaça. Quando as suas propostas não se referem a fantásticas applicações de dinheiro em «negócios da China», trazem sempre o cheiro de escândalo. Escândalo que, naturalmente, vai sempre prejudicar a pessoa abordada. Grandes somas de dinheiro são assim arrancadas actualmente, a custo de ameaças de escândalos — reais ou imaginários — com referência à vida de estrélas, astros e directores. Sobre tudo quando uma artista se acha nas vésperas de um grande feito na tela, os «piratas» aproveitam a ocasião para



apertar o cerco. Greta Garbo, que vemos nesta página com John Gilbert e com Lon Chaney e António Moreno, há pouco tempo, foi uma das vítimas. A artista, que até então, não dera ouvidos às cartas anónimas que a assediavam, viu-se em face de uma ameaça concreta. Um indivíduo ameaçou-a com a publicação de uma história escandalosa que ele attribuía à vida da estréla, quando ela ainda se achava na Suécia. A publicação, porém, poderia ser evitada... se ela entrasse com a soma pedida. Greta Garbo não teve dúvida: chamou a policia. A acção enérgica da artista foi água na fervura, e, tanto assim que não houve jornal com disposições de dar ouvidos ao facto, positivamente, uma chantagem.

King Vidor, no seu gabinete, está cercado de orificios pelas paredes, permitindo que seus auxiliares devessem tudo quanto se passa lá dentro, com qualquer estranho. Artistas há, e muitos, que ligam aos seus trabalhos uma preocupação verdadeiramente supersticiosa. A estes, os astrólogos e



cartomantes não deixam em paz. Exploram-nos quanto podem. Indivíduos há que se apresentam pelos estúdios como «agentes de publicidade» propondo mundos e fundos em favor da fama dos artistas. E destes, aqueles que



se deixam cair no laço, fazem-no apenas para verificar mais tarde que os tais agentes nunca pisaram um jornal nem nunca dispuseram de semelhante meio de vida profissional.

Lon Chaney é um dos poucos que sabe enganar a todos esses espertalhões. Não fosse ele o Lon Chaney das mil e muitas caras! Quando um pirata se acerca do famoso artista, este recebe-o com um ar tão dissimulado, que desarma todas as intenções de ir adiante com a «cavação». E o escroque, quando deixa Lon Chaney, vai absolutamente disposto a nunca mais o importunar. John Gilbert, Ramon Novarro, Marion Davies e outros artistas de longa experiência, também já se encontram armados contra tais investidas. Pertencentes ao grupo jovem nas fileiras da fama, eles bem reconhecem a necessidade de ter à distância tais indesejáveis elementos — os «piratas» de Hollywood. As nossas fotos apresentam também Lon Chaney em «Mr. Wu» e escolhendo figurantes para uma scena de «cabaret».

Esther Ralston acha-se presentemente em foco com o seu novo filme «A Pulseira Perdida» ou «Figures Don't Lie», que é um magnifico trabalho cinematográfico e no qual a linda Esther está verdadeiramente arrebatadora.